

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM METAFÍSICA

Izabela Silva Cabral

**Afrodite *zeídōros*: um estudo sobre funções e expressões de Philotes na  
organização da vida, segundo Empédocles**

Brasília/ Manaus

2022

Izabela Silva Cabral

**Afrodite *zeídōros*: um estudo sobre funções e expressões de Philotes na organização da vida, segundo Empédocles**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília como exigência para obtenção do grau de Mestre.

Linha de Pesquisa: Origens do Pensamento Ocidental.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna

Coorientadora: Profa. Dra. Ivanete Pereira

Brasília/ Manaus

2022

Izabela Silva Cabral

**Afrodite *zeídōros*: um estudo sobre funções e expressões de Philotes na  
organização da vida, segundo Empédocles**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Henrique Modanez de Sant'Anna  
Presidente da Banca  
Universidade de Brasília - UNB

---

Profa. Dra. Maria do Socorro da Silva Jatobá  
Membro Efetivo Externo à Universidade de Brasília  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Profa. Dra. Agatha Pitombo Bacelar  
Membro Efetivo  
Universidade de Brasília - UNB

*Para*  
*Edmar Magalhães, in memoriam*

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por guiar minha vida e a Nossa Senhora Aparecida por ter sua presença em todos os momentos.

A minha mãe Maria do Socorro Moraes e ao meu avô Edmar Magalhães, por terem colocado, com muito amor, os estudos como prioridade em nossa casa. Agradeço pelos bons exemplos, pelas orientações nas decisões difíceis, pelo amor incondicional e por nunca terem me deixado esquecer que somos uma família.

Às minhas irmãs, Samantha e Clara, pela nossa união, por todo o apoio desde o início dessa trajetória. Agradeço por tantas conversas, desabafos e por ter vocês como irmãs nessa vida.

A meu parceiro de vida, Deevan, por todo apoio e amor que me geram força, me encorajam e me inspiram.

Aos meus orientadores, Ivanete e Henrique, pela oportunidade de realizar esse sonho. Agradeço imensamente pela convivência, mesmo que virtual, e por tantos aprendizados, não apenas como mestranda. Minha eterna gratidão.

À Professora Socorro Jatobá, pelo exemplo e apoio desde a graduação.

Aos professores do curso de Metafísica, pelos ensinamentos que me passaram.

Às professoras membros da banca de qualificação, Dra. Maria do Socorro da Silva Jatobá e Dra. Agatha Pitombo Bacelar, pelos pertinentes apontamentos que engrandeceram este estudo.

Aos amigos Wilhames, Bruna, Gilson, Cristina e Adriana, por todo suporte dado nesta caminhada.

A todos os amigos e familiares que de alguma forma ajudaram na realização deste trabalho.

“Dupla é a gênese das (coisas) mortais, dupla a desistência. Pois uma a convergência de todos engendra e destrói, e a outra, de novo (as coisas) partindo-se, cresce e se dissipa. E estas (coisas) mudando constantemente jamais cessam, ora por Amizade convertidas em um todas elas, ora de novo divergidas em cada por ódio de Neikos.”

(Empédocles, DK 31 B 17, 3-7)

## RESUMO

Os quatro elementos, terra, água, ar e fogo são denominados por Empédocles de quatro raízes. Segundo ele, são essas quatro raízes que constituem e originam todas as coisas existentes. São elas a origem e o princípio de tudo quanto existe. Entretanto, dois princípios fundamentais operam diretamente sobre elas: *Philotes* e *Neikos*, sendo o primeiro identificado à deusa Afrodite, em versos que descrevem sua função na articulação e organização dos seres vivos. Logo, Empédocles apresenta o desenvolvimento do mundo e de tudo o que existe nele, através de seis princípios originários em um ciclo que flui eternamente. A finalidade desta pesquisa é investigar a função de *Philotes* nos seres organizados, ou seja, na fase mundana do ciclo cósmico, na expressão mítica dos trabalhos da deusa Afrodite, que também recebe os nomes de Alegria, Harmonia e Cipris. Como esse processo ocorre e qual o papel que a deusa desempenha no surgimento das coisas vivas e suas partes, ou, dito de outro modo, como essa força opera sobre a realidade física, vegetal e animal, é a questão proposta na presente investigação.

**Palavras-chave:** *Philotes*; Afrodite; *zeídōros*; vida.

## **ABSTRACT**

The four elements, earth, water, air and fire, are called the four roots by Empedocles. According to him, these four roots are the foundation and origin of all things in existence. They are the origin and principle of everything that exists. However, two fundamental principles act directly upon them: Philotes and Neikos, the first being identified with the goddess Aphrodite, in the verses describing her function in the articulation and organization of living things. Then Empedocles presents the evolution of the world and everything that exists in it through six original principles in a cycle that flows eternally. The purpose of this study is to examine the function of Philotes in organized living things, that is, in the mundane phase of the cosmic cycle, in the mythical expression of the works of the goddess Aphrodite, who also bears the names Joy, Harmony and Cypris. How this process takes place and what role the Goddess plays in the formation of living beings and their parts, or, in other words, how this force acts on the physical, vegetable and animal reality, is the question posed in the present investigation.

**Keywords:** Philotes; Aphrodite; *zeídōros*; life.

## LISTA DE ABREVIATURAS

DK = DIELS-KRANZ (1992)

KRS = KIRK-RAVEN-SCHOFIELD (1983)

LSJ = LIDDELL-SCOTT-JONES (1940)

Orig. = Do original

## **Nota Prévia**

Textos gregos foram citados nas traduções indicadas em cada caso, acompanhados de notas contendo os excertos originais. Quanto aos textos em língua estrangeira de autores contemporâneos, optou-se por traduzir os trechos citados para o português, mantendo-se os originais em notas. Neste caso, todas as traduções são minhas.

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I – A função cósmica de Philotes	
1. O fragmento DK 31 B 17.....	7
1.1. <i>Philotes</i> e <i>Neikos</i> : uma singular “diarquia cósmica” .....	12
2. O deus <i>Sphairos</i> e as raízes deuses .....	20
CAPÍTULO II – Philotes-Afrodite	
1. Campo semântico de Philotes e correspondência com Afrodite .....	25
2. Expressões de Philotes na fase mundana do ciclo.....	35
2.1. Harmonia (Ἄρμονία).....	36
2.2. Alegria (Γηθοσύνην) .....	41
2.3. Cípris (Κύπρις) .....	42
2.4. Afrodite (Ἀφροδίτη).....	46
CAPÍTULO III – Os trabalhos de Afrodite	
1. Membros solitários e errantes: o início da zoogênese .....	50
2. Organização da vida terrestre, aquática e aérea: o “ateliê da deusa” .....	61
2.1. “Le Plus Bel Appareil” .....	71
3. “Manufatura” e articulação de membros .....	77
CONCLUSÃO.....	82
REFERÊNCIAS.....	85

## INTRODUÇÃO

Natural de Agrigento, Empédocles, de acordo com Hipôbotos, era filho de Mêton e neto de Empédocles – segundo Diógenes Laércio (DL VIII 2,51). Sua vida é envolta em lendas, e ele é relacionado, pela doxografia, a filósofos como Parmênides, Anaxágoras e aos pitagóricos (DL VIII 7,54). Sabemos que ele foi um grande orador, pois Aristóteles atesta essa qualidade, considerando-o inventor da retórica (cf. DL VIII 1,57), e consta que ele foi mestre de Górgias, o sofista (DL VIII 7,58). A ele são atribuídas duas obras: *Da Natureza* (Περὶ φύσεως) e *Purificações* (Καθαρμοί).

Ao analisarmos o poema *Da Natureza* verificamos que ele é dirigido a uma só pessoa, Pausânias; ao passo que o *Purificações* é dedicado a um grupo de pessoas habitantes da parte alta de Agrigento. Do poema *Purificações* restaram trinta e sete fragmentos, retirados, especialmente a partir do marco do compêndio de Hermann Diels, entre final do século XIX e início do século XX<sup>1</sup>, de várias obras de filósofos e doxógrafos.

A interpretação dos fragmentos existentes dos poemas *Da Natureza* e *Purificações* foi complicada pelo debate acadêmico moderno sobre se eles de fato constituem duas obras, como Diógenes Laércio alegou, ou um único projeto filosófico, como alguns estudiosos como Inwood (2001) argumentaram. Esta última, havia sido alimentada ainda mais pela publicação do *Papiro de Estrasburgo* (MARTIN & PRIMAVESI, 1999), que contém uma parte do poema

---

<sup>1</sup> DIELS, Hermann. *Poetarum Philosophorum Fragmenta*. Berlim, 1901.

*Da Natureza* com linhas que tradicionalmente foram atribuídas às *Purificações*. Contudo, passado o fervor da discussão, boa parte dos estudiosos manteve a divisão clássica em dois poemas, como se vê, por exemplo, com André Laks e Glenn Most, no recente compêndio de textos pré-socráticos que editaram (2016).

Empédocles, segundo Aristóteles (e.g. *Metafísica* I 4, 985 a 29-33), foi o precursor da teoria das quatro raízes-elementos (ar, água, terra e fogo) juntamente com dois princípios ativos, *Philotes* e *Neikos*, sendo que *Philotes* é representada, pelo agrigentino, inúmeras vezes como Afrodite, divindade grega do amor e da beleza. Ao que tudo indica, Empédocles serviu-se de motes do mito e do culto popular relacionado à deusa, transmutando-os em elementos de sua hipótese filosófica sobre a vida.

Hesíodo relata em sua *Teogonia* que Afrodite nasceu da espuma branca produzida pelos genitais decepados de Urano, depois que seu filho Cronos os jogou no mar (*Teogonia*, v. 188-206). Afrodite era amplamente adorada pelas múltiplas facetas de suas manifestações e formas de atuação, principalmente como deusa do amor e da fertilidade. Também era conhecida como Cipria, Citérea ou Cípris, epítetos derivados da cidade de Citera, em Creta, ou da ilha de Chipre, onde a deusa teria desembarcado pela primeira vez.

De acordo com as visões cosmogônicas da natureza de Afrodite, ela era a personificação dos poderes geradores da natureza e a mãe de todos os seres vivos. Afrodite, “aquela que se ergue do mar” foi apropriadamente chamado de *Pandemos*, “de todo o povo” (LSJ, 1940). No entanto, ela também era chamada de *Ourania* ou “celestial”, então podemos fazer uma distinção diacrônica entre essas duas Afrodites, alegando que Afrodite *Pandemos* é a deusa do desejo sexual e Afrodite *Ourania*, a do “amor platônico” (cf. *Banquete*, 180d – 182a).

Porém, é possível afirmar que esta era a mesma deusa, chamada também por vários outros epítetos contraditórios, que muitas vezes descrevem a natureza complexa do amor: “amante do sorriso”, “misericordioso” e “que adia a velhice”, mas também “profano”, “o escuro”, “o assassino de homens” (CACCAMO, 2011, p.15).

Para Empédocles, Afrodite é a expressão mundana de *Philotes* (PEREIRA, 2019), assim como as quatro raízes-elementos são identificadas aos deuses Hera, Zeus, Nestis e Aidoneus (DK 31 B 6). Para se referir à deusa, ele utiliza a palavra ζείδωρος em DK 31 B 151<sup>2</sup>, num contexto em que Plutarco (*Sobre o amor*, 756E) associa com a fecundidade da natureza. Segundo Wright, ζείδωρος é um epíteto homérico para a terra, geralmente interpretado como "doadora de grãos"; etimologicamente, significa "doadora de vida", quando se lê ζάω em vez de ζεία, no prefixo (WRIGHT, 1981, p.297). Também Inwood (2001, p.128) estabelece que Plutarco, no diálogo citado, afirma que Empédocles designa Afrodite como aquela que “dá vida”. Plutarco estabelece essa ligação através do conceito de "fértil chão" (εὐφυῆ χώρα). Este aspecto nutritivo, como notaremos, faz parte da natureza de Afrodite de Empédocles. Basicamente, a deusa é a doadora de vida, a que nutre a vida. Mas, como veremos, a sua função é complexa, pois envolve a articulação da própria vida.

Para compreender a complexidade do trabalho desenvolvido pela deusa, é importante entender algumas linhas gerais da teoria desenvolvida por Empédocles, de modo que a nossa caminhada começa com a tentativa de explicar a função cósmica de *Philotes* e *Neikos*, enquanto forças que, seguindo

---

<sup>2</sup> ε "ζείδωρον" γάρ αὐτήν [Ἀφροδίτην] Ἔ., "εὐκαρπον" δέ Σοφοκλῆς ἐμμελῶς πάνυ καί πρεπόντως ὠνόμασαν.

uma alternância, predominam uma sobre a outra reversivelmente, por períodos constantes, fixados pelo destino. Quando predomina *Philotes*, os elementos se reúnem em unidade; quando predomina *Neikos*, ao contrário, aqueles se separam.

Diferentemente do que poderíamos pensar à primeira vista, o cosmos não nasce quando é *Philotes* que prevalece, porque a predominância total dessa força faz com que os elementos se reúnam, formando uma unidade compacta que Empédocles chama de *Sphairos*. Quando é *Neikos* que prevalece totalmente, os elementos ficam completamente separados, e também neste caso as coisas e o mundo não existem. O cosmos e as coisas do cosmos nascem então nos dois períodos de transição, que vão do domínio de *Philotes* e, depois, do domínio de *Neikos* ao de *Philotes*. E em cada um desses períodos tem-se um progressivo nascer e um progressivo destruir-se de um cosmos, o que necessariamente, pressupõe a ação conjunta de ambas as forças.

A partir da compreensão da teoria principal do filósofo de Agrigento, focaremos o segundo capítulo em um dos objetivos principais de nossa pesquisa, que consiste em reconhecer e compreender as funções de *Philotes* na fase mundana do ciclo cósmico, funções essas que não se expressam unicamente pela imagem mítica de Afrodite, mas também sob os signos de Cipris (DK 31 B 73; DK 31 B 75; DK 31 B 95; DK 31 B 98; DK 31 B 128,3;), Harmonia (DK 31 B 23,4; DK 31 B 27,3; DK 31 B 96; DK 31 B 122,2) e Alegria (DK 31 B 17,24; DK 31 B 27).

Por fim, no último capítulo abordaremos os trabalhos da deusa, desde a fase que produz as primeiras formas (DK 31 B 57), que ainda não mostram suas características compleicionais, até a formação de cada ente vivente e suas

partes, como resultado do trabalho de Afrodite que, no discurso de Empédocles, por vezes dá vida aos seres compostos pelas quatro raízes-elementos com as próprias mãos (DK 31 B 95).

## **CAPÍTULO I**

### **A função cósmica de Philotes**

## 1. O fragmento DK 31 B 17

A cosmologia de Empédocles consiste nos processos de associação e dissociação das quatro raízes, sob regência das forças de *Philotes* e *Neikos*. Essa doutrina está explícita no extenso fragmento DK 31 B 17<sup>3</sup> (SIMPLÍCIO, *Física*, 157):

Duplas (coisas) direi: pois ora um foi crescido a ser só de (1)  
 muitos, ora de novo, partiu-se a ser muitos de um só.  
 Dupla é a gênese das (coisas) mortais, dupla a desistência.  
 Pois uma a convergência de todos engendra e destrói,  
 e a outra, de novo (as coisas) partindo-se, cresce e dissipa. (5)  
 E estas (coisas) mudando constantemente jamais cessam,  
 ora por Amizade convertidas em um todas elas,  
 ora de novo divergidas em cada por ódio de Neikos.  
 Assim, por onde um de muitos aprenderam a formar-se,  
 e de novo partido e um múltiplos se tornaram, (10)  
 por aí é que nascem e não lhes é estável a vida;  
 mas por onde mudando constantemente jamais cessam,  
 por aí é que sempre são imóveis segundo o ciclo.  
 Mas vai, do mito escuta; pois estudo aumenta o peito.  
 Pois como já antes disse, revelando o alcance do mito, (15)  
 duplas (coisas) direi: pois ora um foi crescido a ser um só,  
 de muitos, ora de novo partiu-se a ser muitos de um só,  
 fogo e água e terra, e de ar a infinita altura,  
 e Ódio funesto fora deles, de peso igual em todo parte,  
 e Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura, (20)  
 contempla-a co'a mente, e com os olhos não te sentes pasmos;  
 ela entre mortais se considera implantada em seus membros,  
 por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem,  
 de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite.  
 Ela por entre eles se enrolando não a viu nenhum (25)  
 Mortal; mas tu ouve do discurso a sequência não enganosa.  
 Pois estes todos são iguais e de mesma idade,  
 Mas honra, cada um mede outra, e cada um tem seu modo.  
 e em turnos prevalecem no circuito do tempo.  
 E além deles nada mais vem a ser nem deixa de; (30)  
 pois se continuamente parecessem não mais seriam;  
 e este todo que (coisa) o acresceria? Donde vindo?  
 E por onde se extinguiria, pois destes nada é vazio?  
 Porém estes são eles mesmos, e correndo uns pelos outros  
 Tornam-se outros em outras vezes e continuamente os mesmos.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Em todas as citações dos fragmentos de Empédocles, servimo-nos da tradução de José Cavalcante de Souza, em: *FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS*. Trad. José Cavalcante de Souza, *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).

<sup>4</sup> δ'ιπλ' έρω' τοτέ μέν γάρ εν ηύζήθη μόνον είναι  
 έκ πλεόνων, τοτέ δ' αύ διέφυ πλέον' έξ ενός είναι,  
 δοιή δέ θνητών γένεσις, δοιή δ' άπόλειψις'  
 τήν μέν γάρ πάντων σύνοδος τίκτει τ' όλέκει τε,  
 ή δέ πάλιν διαφυομένων Ιθρυφθεισα δρεπτηι

Podemos dizer que esse grupo de versos pode ser dividido em três secções (KRS, 1983, p.301), tratando no começo de um processo dual, constituído pela criação do uno a partir da multiplicidade, e depois, da multiplicidade a partir do uno, passando, em seguida, à afirmação de que o processo dual se repete sem cessar devido a uma ação alternada de *Philotes* e *Neikos*, com os versos que mostram a existência de um duplo nascimento das coisas.

Para Empédocles, então, as quatro raízes, bem como *Philotes* e *Neikos* são responsáveis pelo ciclo do nascimento. *Philotes* não pode ser vista, e Empédocles sugere que *Neikos* está em discrepância com as quatro raízes, enquanto *Philotes* está em harmonia com elas. Também, o que está dito sobre

---

και ταῦτ' ἀλλάσσοντα διαμπερές οὐδαμά λήγει,  
 ἄλλοτε μὲν φιλότητι συνερχόμεν' εἰς ἐν ἅπαντα,  
 ἄλλοτε δ' αὐ δίχ' ἕκαστα φορεύμενα νείκος εχθει.  
 (οὕτως ἢ μὲν ἐν ἐκ πλεόνων μεμάθηκε φύεσθαι)  
 ἤδ' ἐπάλιν διαφύντος ἑνός πλεόν' ἐκτελέθουσι,  
 τῆ μὲν γίνονται τε και οὐ σφισιν ἐμπεδος αἰών  
 ἢ δὲ διαλλάσσοντα διαμπερές οὐδαμά λήγει,  
 ταύτη δ' αἰέν ἔασιν ἀκίνητοι κατὰ κύκλου  
 ἀλλ' ἄγε μύθων κλυῖθι, μάθη γάρ τοι φρένας ἀύζει'  
 ὡς γάρ και πρὶν εἰπα πιφάυσκων πείρατα μύθων,  
 δίπλ' ἐρέω' τοτὲ μὲν γάρ ἐν ἠύζήθη μόνον εἶναι  
 ἐκ πλεόνων, τοτὲ δ' αὐ διέφυ πλεόν' ἐξ ἑνός εἶναι,  
 πῦρ και ὕδωρ και γαῖα και ἠέρος ἀπλετον ὕψος'  
 νεϊκός τ' οὐλόμενον δίχα τών, ἀτάλαντον ἀπάντη,  
 και φιλόττης ἐν τοῖσιν, ἴση μήκος τε πλάτος τε'  
 τῆν συ νόφ δέρκευ, μηδ' ὄμμασιν ἦσο τεθηπώς'  
 ἦτις και θνητοῖσι νομίζεται ἐμφυτος ἄρθροις,  
 τῆ τε φίλα φρονέουσι και ἄρθμια ἔργα τελοῦσι,  
 Γηθοσύνην καλέοντες ἐπώνυμου ἢδ' Ἀφροδίτην'  
 τῆν οὐ τις μετὰ τοῖσιν ἐλισσομένην δεδάηκε  
 θνητός ἀνὴρ' συ δ' ἀκουε λόγου στόλου οὐκ ἀπατηλόν.  
 ταῦτα γάρ ἰσά τε πάντα και ἠλικά γένναν ἔασι,  
 τιμῆς δ' ἀλλῆς ἄλλο μέδει, πάρα δ' ἦθος ἐκάστω,  
 ἐν δὲ μέρει κρατέουσι περιπλομένοιο χρόνοιο.  
 και πρὸς τοῖς οὐδ' ἄρ ἐπιγίγνεται οὐδ' ἀπολήγει'  
 εἶτε γάρ ἐφθειρόντο διαμπερές, οὐκέτ' ἂν ἦσαν  
 τοῦτο δ' ἐπαυζήσειε τό πᾶν τί κε, και πόθεν ἐλθόν;  
 πῆ δὲ κε κήξαπόλοιτο, ἐπεὶ τώνδ' οὐδέν ἐρήμον;  
 ἀλλ' αὐτ' ἔστιν ταῦτα, δι' ἀλλήλων δὲ θέουτα  
 γίγνεται ἄλλοτε ἄλλα και ἠνεκές αἰέν ὅμοια.

a igualdade de ambos não parece implicar que *Philotes* e *Neikos* sejam corpóreos. Eles agem alternadamente, e esse mecanismo, segundo KRS (1983, p.304), de contínua mudança é o que mantém a estabilidade global. Nos versos finais do fragmento citado, nosso filósofo propõe que as quatro raízes se misturam entre si, para formarem compostos mortais.

Podemos extrair a teoria da mistura das raízes do fragmento DK 31 B 21 (SIMPLÍCIO, *Física*, 259):

Vai, isto como prova de anteriores colóquios contempla, (1)  
 se é que nos anteriores havia algum resíduo sem forma;  
 sol luminoso para ver e quente em toda parte,  
 e imortais quantas (coisas) se banham em sua forma e brilho,  
 e chuva em todas (as coisas) nevoenta e friorenta; (5)  
 de terra prorrompem (coisas) firmes e sólidas.  
 Em ódio diferidas de forma e a parte todas volvem,  
 Mas convergem na amizade e umas outras se desejam.  
 Pois destes (são) todas (as coisas), quantas eram, são e serão,  
 árvores germinaram, e também homens e mulheres, (10)  
 feras e pássaros e peixes que se criam n'água,  
 e mesmo deuses de longa vida em honra supremos.  
 Pois estes são eles mesmos, e correndo uns pelos outros  
 Tornam-se de outra espécie; tanto por mistura se permutam.<sup>5</sup>

Neste fragmento, Empédocles atesta que tudo se compõe do ar, da água, da terra e do fogo, ciclicamente. Podemos acrescentar que nascimento e morte são mistura e dissolução de determinadas substâncias, como se recolhe em outro conjunto de versos:

---

<sup>5</sup> ἀλλ' ἄγε, τῶνδ' ὀάρων προτέρων ἐπιμάρτυρα δέρκευ,  
 εἰ τι καὶ ἐν προτέροισι λιπόζυλον ἐπλετο μορφῆ,  
 ἥλιον μὲν λευκὸν ὄραν καὶ θερμὸν ἀπάντη,  
 ἀμβροτὰ δ' ὄσσ' ἠδέϊτο καὶ ἀργέτι δεύεται αὐγῆ,  
 δμβρον δ' ἐν πασι δνοφόντ' ἄ τε ριγαλέον τε'  
 ἐκ δ' αἴης προρέουσι θέλημα τε καὶ στερεωπά.  
 ἐν δέ κότφ διάμορφα καὶ ἀνδιχα πάντα πέλονται,  
 συν δ' ἔβη ἐν φιλότητι καὶ ἀλλήλοισι ποθεῖται  
 ἐκ τῶν πάνθ' ὄσα τ' ἦν ὄσα τ' ἔστι καὶ ἔσται ὀπίσσω,  
 δένδρεά τ' ἔβλάστησε καὶ ἀνέρες ἠδέ γυναῖκες,  
 θήρες τ' φοιωνοί τε καὶ ὕδατοθρέμμονες ἰχθύς,  
 κα' ἰ τε θεοὶ δολιχα' ἰωνες τιμήσι φέριστοι  
 αὐτὰ γάρ ἐστιν ταῦτα, δι' ἀλλήλων δέ θέοντα  
 γίγνεται ἀλλοιωπά' τόγον διάκρισις ἰ ἀμείβει.

Outra ti direi: não há criação de nenhuma dentre todas  
(as coisas) mortais, nem algum fim em destruidora morte,  
mas somente mistura e dissociação das (coisas) misturadas  
é o que é, e criação isto se denomina entre homens.  
DK 31 B 8 (PLUTARCO, *Contra Colotes*, 10.)<sup>6</sup>

As “coisas misturadas”, isto é, as raízes-elementos, permanecem eternamente iguais, de modo que o ser e o perecer têm sua realidade, se forem entendidos como um vir de coisas que são e um transformar de coisas que também são. Assim, a existência, segundo Empédocles, se prolonga para antes da vida e para além da morte, ou, como vimos acima (DK 31 B 8), é ainda mais forte do que isso: “não existe morte” e nem nascimento, mas sim mistura e separação dos elementos-raízes. Empédocles parece nos dizer que nada nasce ou morre, mas ocorre um “arranjo” dos elementos-raízes-deuses em que a separação marca o fim daquela criatura ou indivíduo e a junção marca a sua geração, como podemos conferir em DK 31 B 9.<sup>7</sup>

O núcleo principal da doutrina de Empédocles, nós já conhecemos e buscaremos deixar claro ao longo de todo o nosso texto: quatro raízes, regidas por duas forças, que agem sobre elas de maneira alternada, em um processo eterno, no qual uma força não é anterior a outra, ou capaz de extinguir definitivamente a outra. Diz Empédocles no fragmento DK 31 B 16 (HIPOLITO, *Refutação*, VIL) do poema *Da Natureza*:

Pois como antes eram, também serão, e jamais, penso,

---

<sup>6</sup> ἄλλο δέ τοι ἐρέω' φύσις οὐδενός ἐστίν ἀπάντων  
θνητῶν, οὐδέ τις οὐλομένου θανάτιο τελευτή,  
ἀλλά μόνον μίξις τε διάλλαξις τε μιγέντων  
ἐστί, φύσις δ' ἐπί τοις ὀνομάζεται ἀνθρώποισιν

<sup>7</sup> Mas eles quando em forma de homem misturados à luz chegam, ou em espécie de animais selvagens, ou de plantas, ou de pássaros, então isto dizem que se gerou, e quando se separam, então que houve infausta morte; o que justiça não chamam, por costume falo também eu. (PLUTARCO, *Contra Colotes*, 10.)

destes dois ficará vazio o interminável tempo.<sup>8</sup>

Assim, ocorre uma paridade na ação das duas forças, impedindo que uma delas assuma completamente o controle do cosmos, enquanto mundo ordenado. Para Empédocles, como já dito anteriormente, nascimento e morte são, na realidade, mistura e separação das quatro raízes, as quais permanecem imutáveis; então, todas as coisas são formadas pela mistura dessas quatro raízes, como podemos analisar novamente no fragmento DK 31 B 21, porém, agora, focalizando somente os versos 13 e 14:

Pois estes são eles mesmos, e correndo uns pelos outros  
tornam-se de outra espécie; tanto por mistura se permutam.

Então, as quatro raízes recebem uma influência direta de dois princípios: *Philotes* (Amor ou Amizade), como temos dito desde o início, e *Neikos* (discórdia). A nosso ver, Empédocles não acreditava que existissem outros fatores que determinassem a origem e existência de todas as coisas que não pudessem ser formados, constituídos e compostos pela terra, água, ar e fogo; e acrescentava ainda que cada um desses elementos recebia o nome de um deus (DK 31 B 6). Pensamos que podemos mesmo afirmar que este seria o núcleo central da doutrina filosófica do acragantino: quatro elementos-raízes-deuses regidos por duas forças naturais *Philotes* e o *Neikos*, vivendo em uma contínua relação, não sujeitos a mudanças, permanentes e eternos, em um ciclo cósmico incessante.

---

<sup>8</sup> (στ)ι γάρ ὡς πάρος ἦν τε καὶ ἔσσειται, οὐδέ ποτ' οἶω τούτων ἀμφοτέρω ν κενεώσεται ἀσπετος αἰών.

### 1.1. *Philotes e Neikos: uma singular “diarquia cósmica”*

Do estudo dos fragmentos atribuídos a Empédocles, da doxografia e da epítome filosófica de Aristóteles, depreende-se que a sua doutrina filosófica consiste, principalmente, na proposição e articulação de quatro raízes (ρίζώματα), água, ar, terra e fogo, apresentadas sob os nomes divinos de Zeus, Hera, Aidoneus e Nestis (DK 31 B 6), como os constituintes de todas as coisas existentes (πάντα). Escreve Aristóteles:

Por sua vez Empédocles afirmou como princípio os quatro corpos simples, acrescentando um quarto aos três acima mencionados, a saber, a terra. Com efeito, estes permanecem sempre sem mudança e só estão sujeitos ao devir pelo aumento e diminuição de quantidade, quando se juntam numa unidade e se dissociam dela.” (ARISTÓTELES, *Metafísica* I 3, 984 a 8-11)

Ademais, os processos de articulação e desarticulação das quatro raízes na composição, decomposição e recomposição de todas as coisas, são operados por dois princípios: *Philotes* (Amor ou Amizade) e *Neikos* (Discórdia):

“[...] como era evidente na natureza a existência de coisas contrárias às boas, assim como a existência não só da ordem e beleza, mas também da desordem e feiura, e a existência de males mais numerosos do que os bens, e coisas feias em maior número do que belas, houve outro pensador que introduziu a Amizade e Discórdia como causas, respectivamente, desses contrários.” (ARISTÓTELES, *Metafísica* I 4, 984 b 32-985 a 3;)

Podemos confirmar o relato de Aristóteles ao conferir, por exemplo, os teores dos fragmentos DK 31 B 17 e DK 31 B 35. Em DK 31 B 17, Empédocles descreve a operação do cosmos com base nos seis princípios fundamentais de todo o cosmos, que já mencionamos acima: fogo, água, terra, ar, *Philotes* e *Neikos*. Em DK 31 B 35, um dos fragmentos mais importantes para a

compreensão da cosmologia de Empédocles, o nosso filósofo mostra um período cósmico sob regência de *Philotes*, com este no centro do vórtice e tendente a unir as raízes-elementos após terem sido separadas por *Neikos*. Empédocles afirma ainda que essas raízes e forças não desaparecem, são ingredientes constantes no drama cíclico (cf. E.g. DK 31 B 17, 27-31).

Investigar e compreender, a partir dos fragmentos das obras que chegaram até nós, a “ordem” e a “configuração” do mundo segundo as quatro raízes primordiais, e a ação adjunta dos dois princípios mencionados, sobre elas, é uma das tarefas básicas do intérprete de Empédocles, razão pela qual, antes de focalizar o recorte específico da pesquisa, buscamos aqui, ainda que de modo simplificado, uma visão processual mais ampla de “mundanidade”, (PEREIRA, 2019), ou seja, do devir organizado.

Nessa perspectiva, convém ter em mente que os princípios-raízes mencionados acima – terra, água, ar e fogo –, que são eternos, combinam-se, misturados em variadas proporções, para formar inúmeros compostos (DK 31 B 35). Na “via” contrária, quando os princípios raízes se dissociam, as composições se desfazem. Nesse processo de associação e dissociação das raízes que existem sempre, Empédocles introduz as duas forças que atuam, respectivamente, na associação e dissociação, ou ligação e separação, das raízes: *Philotes* e *Neikos* (DK 31 B 17-19).

Podemos dizer que *Philotes* une enquanto *Neikos* separa. Mas de que modo? Como se dá a junção e a separação das raízes? Veremos mais adiante.

Em nossa abordagem, que é voltada para a atuação de *Philotes* na regência cósmica e, em especial, no processo de composição e decomposição dos corpos, não podemos deixar de explicitar a função de *Neikos* na alternância

da regência dos elementos-raízes, a despeito de, em nossa interpretação, a complexidade da ação de *Philotes*-Afrodite ser muito maior, quando comparada à ação de *Neikos*, pois a atividade de Afrodite não é de forma alguma limitada: ela age para modelar todas as estruturas detalhadas de corpos vivos de acordo com seu aparente desejo de preservá-los como indivíduos e como espécies (BUTLER, 2018, p.40-53).<sup>9</sup>

Aristóteles<sup>10</sup>, quando fala sobre Empédocles, diz que *Neikos* faz cada raiz se unir mais a si mesma. Assim, sugere também que *Neikos* possui um papel unificador, une porção de água a água, ar ao ar, e assim por diante; enquanto *Philotes*, ao aproximar as diferentes raízes, provoca a desorganização de cada uma delas. Primavesi estabelece um sistema de três funções para explicar como age *Philotes* e *Neikos*:

- 1) A função do Amor é combinar diferentes elementos, ou porções de diferentes elementos, em compostos orgânicos (“seres vivos”).
- 2) A função da Discórdia é dissolver combinações de diferentes elementos.
- 3) Assim que os elementos são libertados pela Discórdia, sua própria função se torna aparente. Consiste em encenar a atração do semelhante ao semelhante que lhes é inerente. A menos que sejam impedidos pelo Amor, os quatro elementos formam, por si mesmos, quatro massas concêntricas homogêneas, cada uma localizada no lugar natural do elemento em questão. (PRIMAVESI, 2016, p.6)<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> BUTLER, Edward, P. Perceiving Aphrodite: Empedoclean Metaphysics. *Walking the Worlds*, v.4, n.2, 2018, p. 40-53.

<sup>10</sup> Aristóteles –*Metafísica*, A; 4, 25.

<sup>11</sup> “1) The function of Love is to combine different elements, or portions of different elements, into organic compounds (“living beings”).

2) The function of Strife is to dissolve combinations of different elements.

3) As soon as the elements are set free by Strife, their own function becomes apparent. It consists in enacting the attraction of like to like which is inherent in them. Unless prevented from doing so by Love, the four elements form, by themselves, four homogeneous concentric masses, each being located at the natural place of the element in question.”

Soa plausível que, para Empédocles, as naturezas específicas das raízes pudessem fazer com que elas se organizassem em um cosmos sozinhas. Por isso, Aristóteles apresenta *Philotes* e *Neikos*, como forças motoras. *Philotes* funciona juntando as raízes “diferentes” em harmonia, e o faz introduzindo atração entre as raízes; de fato, sem *Philotes*, essas raízes seriam naturalmente inconvergentes. Embora seja verdade que *Philotes* então separa o que é semelhante do que é semelhante, isso não é feito causando repulsão um pelo outro (BOLLACK, 1969, p.111).

Ao contrário, *Neikos* faz agregarem-se raízes semelhantes, instaurando repulsão entre diferentes tipos de raízes, isto é, repulsão de umas pelas outras. O trabalho de *Neikos* seria substituir a atração entre diferentes tipos de raízes, função de *Philotes*, pela repulsão (BOLLACK, 1969, p.182).

Ambas as forças estão em alternância, presentes, juntas em forças crescentes e decrescentes, ao longo do surgimento do cosmos e de suas criaturas e de sua separação. Embora os comentadores com os quais trabalhamos – Bignone (1963), KRS (1983), Wright (1981) – tomem a passagem em DK 31 B 17, 1-13, (cf. tópico 1.), como fundamental para explicar a teoria de Empédocles, suas interpretações variam, às vezes amplamente.

No tipo tradicional de interpretação (e.g. WRIGHT, 1981, p.167), a passagem fala sobre um ciclo cósmico simétrico de duas partes, que se repete infinitamente. Podemos traçar a história de um ciclo, começando<sup>12</sup> pelo ponto em que todas as raízes estão unidas, completamente entrelaçadas e imóveis sob o domínio total de *Philotes*, imagem que lembra o esférico ser de

---

<sup>12</sup> É necessário esclarecer que o uso da palavra começo é uma questão puramente didática, pois a noção cíclica impede o estabelecimento de um começo.

Parmênides. Então *Neikos* entra e começa a separar as raízes (DK 31 B 17-8), até que finalmente todas estão completamente separadas em massas distintas e independentes de fogo, ar, terra e água. Nesse ponto, *Philotes* começa a unir as raízes até que, mais uma vez, elas se misturam completamente e outro ciclo se inicia (DK 31 B 17-10). Em cada metade do ciclo, à medida que a separação ou unificação prossegue, há uma cosmogonia (geração de um cosmos ou mundo ordenado) e uma zoogonia (geração de animais). No primeiro meio ciclo, sob a influência crescente de *Neikos*, um cosmos e depois os animais passam a existir (DK 31 B 26-6). Na segunda metade, sob a influência crescente de *Philotes*, novamente um cosmos e animais surgem (DK 31 B 26-5).

Em uma segunda linha de interpretação, que ainda lê o princípio fundamental em DK 31 B 17 como referindo-se a períodos alternados de dominação por *Philotes* e *Neikos*, Bollack (1969) sustenta que há apenas uma cosmogonia e uma zoogonia. No vórtice, *Neikos* domina para separar as raízes em seus respectivos lugares, quebrando a Esfera (isto é, o *Sphairos*, cf. DK 3 B 27-29) de *Philotes*. A separação operada por *Neikos* permite a recombinação das raízes por *Philotes* para formar um cosmos. Esta seria uma condição na qual algumas porções de cada uma das outras raízes se misturam.

*Philotes* confirma sua influência na formação do cosmos. Da mistura de raízes nas devidas proporções, surgem várias formas de vida animal. Em última análise, tanto os animais quanto o cosmos parecem quando *Philotes* reúne totalmente as raízes. Assim, finalmente, a Esfera é restaurada e o cosmos termina. Nesta interpretação há uma única cosmogonia gerada pelo poder crescente de *Philotes* e uma única zoogonia sob o domínio alternado de *Philotes* e de *Neikos* (BOLLACK, 1969, p.121). A ideia de uma única cosmogonia e

zoogonia é atraente, em parte, porque ecoa em outros filósofos pré-socráticos, como quando Bollack (1969, p.121) cita que dentre os seres vivos, os opostos heraclitianos se opõem constantemente sob a égide da força dupla.

A primeira interpretação sustenta, então, que há outra cosmogonia no progresso inverso da separação completa para a unidade completa, sob a influência de *Philotes*. Certamente, a simetria do princípio fundamental pode sugerir uma segunda cosmogonia. No entanto, não foi encontrada no poema de Empédocles uma descrição de outra cosmogonia, que ocorre sob a influência de *Philotes* (PRIMAVESI, 1999, p.89). É claro que o fato de não ter sido encontrada não significa que não existisse, dada a natureza fragmentária do texto. De fato, Aristóteles sugere em vários lugares (*Do céu* 295a29; *Sobre geração e corrupção* II 7, 334a5) que Empédocles estava comprometido com essa segunda cosmogonia (PRIMAVESI, 1999, p.89). Mas ele diz que Empédocles se esquivou de manter tal cosmogonia porque não é razoável postular um cosmos vindo de elementos já separados – como se a cosmogonia só pudesse acontecer através da separação de elementos de uma condição previamente misturada de todos eles (*Do céu*, III 2, 301a14 apud BIGNONE, 1963, p.558).

Empédocles nos versos 19-20, também do fragmento DK 31 B 17, afirma que *Philotes* tem peso igual a cada uma das raízes e o amor está entre elas, igual em comprimento e largura. Entretanto, a leitura atenta dos fragmentos nos mostra que nem sempre as duas forças agem alternadamente (DK 31 B 27; DK 31 B 36) e que, na verdade, não há um completo afastamento nem de *Philotes* e nem de *Neikos*, pois essas forças mesmo em alternância, estão todo tempo presentes, juntas em períodos crescentes e decrescentes, ao longo do surgimento do cosmos e de suas criaturas.

Como resultado, para Empédocles uma força não fica antes da outra ou consegue extinguir definitivamente a outra. Elas podem, algumas vezes, agir simultaneamente. Pois apesar do fragmento DK 31 B 17 descrever períodos nos quais uma das forças domina a outra, elas não superam por completo uma à outra. Em vez disso, os períodos de dominação estão constantemente em revezamento (DK 31 B 17-6).

Ao analisar o texto de José Américo Motta Pessanha, *Empédocles e a Democracia* (2003, p.172), podemos notar a divisão do ciclo de quatro fases adotadas por intérpretes tradicionais como John Burnet (1920), com base no testemunho de Aécio em DK 31 A 72, testemunho esse que ampara a defesa de uma dupla zoogonia, como defende Bignone:

Agora, como ele diria que essas partes são específicas da zoogonia do período da Amizade, se não houvesse duas zoogonias distintas, e todos os quatro processos que Aécio indica em A 72, e que aparecem em nossos fragmentos, pertenceriam a um único mundo de seres vitais? É, portanto, claro que também aqui Aristóteles distingue duas zoogonias.<sup>13</sup> (BIGNONE, 1963, p.567)

Aécio não distingue períodos cósmicos, mas designa quatro momentos sucessivos, que veremos mais adiante no capítulo destinado aos trabalhos de Afrodite. Pessanha, então, descreve como *Philotes* e *Neikos* agem, possivelmente, sobre as quatro raízes. Na primeira fase, *Philotes* está agindo sobre o *Sphairos* (Esfera), enquanto *Neikos* está impedido de atuar, este é o momento em que as quatro raízes estão juntas e o *Sphairos* apresenta unidade perfeita. Na segunda fase, *Neikos* avança, iniciando uma penetração na esfera.

---

<sup>13</sup> “Ora, come mai direbbe che queste parti sono specifiche della zoogonia del periodo dell’Amicizia, se non vi fossero due zoogonie distinte, e tutti i quattro processi che Aezio indica in A 72, e che appariscono nei nostri frammenti, appartenes sero ad un unico mondo di esseri vitali? È chiaro dunque che anche qui Aristotele distingue due zoogonie.” (BIGNONE, 1963, p.567)

Assim, as raízes vão se afastando e tendem à completa separação. Na terceira fase *Neikos* domina completamente, enquanto *Philotes* recua para além dos limites da esfera e, a partir daí, se apresenta com quatro raízes ou províncias como ele as designa, perfeitamente distintas: a da terra, a da água, a do ar, a do fogo. Na quarta e última fase, *Philotes* penetra na esfera e volta a recuperar a supremacia que havia perdido. O final dessa fase de luta recolocará o *Sphairos* na sua situação inicial, daí o ciclo recomeça, permanentemente em um processo eterno (PESSANHA, 2003, p.173).

Atualmente, Primavesi estabelece sete fases do ciclo cósmico com base na dupla *tetractys* pitagórica. Eis a reprodução do esquema proposto por esse autor:

A) Loves's expansion	}	Initial abiotic phase:	four divine pure masses	10 times
		1 <sup>st</sup> zoogonic stage:	single limbs	20 times
		2 <sup>nd</sup> zoogonic stage:	chance combinations	30 times
B) SPHAIROS				40 times
C) Strife's invasion	}	3 <sup>rd</sup> zoogonic stage:	whole-natured beings	30 times
		4 <sup>th</sup> zoogonic stage:	chance combinations	20 times
		Final abiotic phase:	sêpsis + completion of 4 masses	10 times

(PRIMAVESI,

2016, p.24)

Nessa nova hipótese, a duração crescente das fases da *tetractys* é proporcional à diminuição da velocidade do movimento geral durante a expansão de *Philotes*, desde a rotação das quatro raízes-elementos a toda velocidade, até a inércia de *Sphairos*; enquanto a diminuição da duração das fases da *tetractys* corresponde ao aumento da velocidade do movimento geral durante a invasão de *Neikos*, a partir da inércia do *Sphairos* até a rotação das quatro raízes-elementos a toda velocidade novamente (PRIMAVESI, 2016, p.24) .

## 2. O deus *Sphairos* e as raízes deuses

Empédocles propõe, pela primeira vez, a influente teoria das quatro raízes-elementos (água, terra, ar e fogo), como atesta Aristóteles: “Empédocles foi o primeiro a dizer que os elementos de natureza material são quatro em número” (*Metafísica* I 4, 985 a 29-33)<sup>14</sup>. Também escreve o estagirita que ele introduziu *Philotes* e *Neikos* como princípios cósmicos do movimento:

[...] como era evidente na natureza a existência de coisas contrárias às boas, assim como a existência não só da ordem e beleza, mas também da desordem e feiura, e a existência de males mais numerosos do que os bens, e coisas feias em maior número do que belas, houve outro pensador que introduziu a Amizade e a Discórdia como causas, respectivamente, desses contrários. (*Metafísica* I 4, 984 b 32-985 a 3)

Essa alternância leva às combinações das raízes-elementos que produzem o mundo fenomênico enquanto fase, entre a mistura completamente homogênea dos elementos em uma esfera sob ação de *Philotes* e a completa separação deles sob ação de *Neikos*. Empédocles abre o poema *Da Natureza* com o seguinte chamado: “E tu, Pausânias, filho do sábio Anquitas, escuta”<sup>15</sup> (DK 31 B 1). O filósofo de natureza é comparado com a nascente de onde provém o mais sábio (DK 31 B 3,2); trata-se, aqui do conhecimento sobre os princípios-raízes e os princípios-forças.

Em DK 31 B 6, fragmento ao qual já aludimos, Empédocles apresenta assim as quatro raízes:

<sup>14</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Texto grego com tradução de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. Vol II. São Paulo: Loyola, 2001. Todas as citações da *Metafísica* procederão dessa edição, exceto se informarmos outra.

<sup>15</sup> Πασσανίη, σὺ δὲ κλυθί, δαίφρονος Ἀγχίτεω υἱέ.

Pois as quatro raízes de todas (as coisas) ouvem primeiro:  
Zeus brilhante e Hera portadora de vida, Aidoneus  
e Nestis, que de lágrimas umedece fonte mortal.<sup>16</sup>  
(AÉCIO, 2, 3.)

As quatro divindades que aparecem nesse fragmento são as quatro raízes, respectivamente, fogo, ar, terra e água. Kirk, Raven e Schofield afirmam que a proposição das quatro raízes como deuses, destina-se, provavelmente, a indicar o que há de válido nas concepções tradicionais de divindade, como a reclamar para eles poderes e propriedades, até então indefinidas, que justificariam o receio de tratar dos deuses pela parte dos mortais (KRS,1990, p.300).

Ora, no “início”<sup>17</sup>, reina um deus com a forma esférica, *Sphairos*, indistinto, indiferenciado, sem outra divisão além dos limites de sua própria circunferência. *Neikos* está fora, na exterioridade do limite (DK 31 B 36). A gênese começa quando *Neikos* se realiza, quando ataca o deus e quando o exterior se afirma, opondo-se a tudo o que não é ele (DK 31 B 30). A ação é inicialmente total; a separação é a medida do Uno; a Esfera, inteiramente desintegrada, oferece a imagem antitética da mistura perfeita. A força oposta se manifesta imediatamente. *Philotes* se encaminha para o centro, que ela coloca à medida que se desenvolve, e seu movimento é circular, enquanto *Neikos* se propaga por balanços e vibrações (DK 31 B 31). É em direção ao centro que os quatro elementos-raízes, a princípio, desenham suas massas odiosas e estruturam o cosmos em zonas concêntricas. *Neikos* e *Philotes*, neste impulso centrípeto, combinam-se, a atração do semelhante (DK 31 B 35). Assim que ocupa o centro,

---

<sup>16</sup> τέσσαρα γὰρ πάντων ριζώματα πρῶτον ἄκουε·  
Ζεὺς ἀργής Ἥρη τε φερέσβιος ἠδ' Αἰδωνεύς  
Νῆστις θ', ἡ δακρύοις τέγγει κρούνωμα βρότειον.

<sup>17</sup> Como citamos acima, na nota de rodapé número 12, a noção cíclica impede que se estabeleça início, de modo que utilizamos esse termo por uma questão didática.

*Philotes* sobe para submeter-se a *Neikos* que separa os elementos. No empurrão para a periferia, mistura-os e molda as coisas, contra *Neikos*. Como ensina Bollack:

Aderindo aos fragmentos originais, encontramos apenas indicações na esfera 1 e no momento que está no início de sua decomposição, quando o tempo da discórdia retorna e os membros do deus são abalados. *Neikos* toma a iniciativa e, sozinho, parece destinado a se expandir. A partir desses fragmentos, parece possível concluir que o mundo que nasce após o abalo é colocado sob o signo do ódio crescente e que o Amor está constantemente perdendo força. Nosso universo deve, então, sua formação à supremacia duradoura do Ódio, e as tentativas infrutíferas da natureza seriam explicadas pelo poder ainda muito grande do Amor. (BOLLACK, 1969, p.114)<sup>18</sup>

Empédocles propõe um cenário em que *Philotes* está dominando completamente as raízes e todas as coisas estão unificadas no *Sphairos* (DK 31 B 27; DK 31 B 29). Como essa unidade esférica inclui as raízes, elas são presumivelmente completamente misturadas umas com as outras. O *Sphairos* seria o estágio inicial na formação do cosmos. Neste ponto, *Neikos* começa a se insinuar no *Sphairos* (DK 31 B 30 e DK 31 B 31). O resultado é a separação das raízes em um cosmos. O último requer uma separação de raízes em massas identificáveis de terra, ar, água e fogo (DK 31 B 38), embora ainda possa haver alguma presença de cada raiz dentro de cada uma das quatro massas. As raízes de terra, água, ar e fogo predominariam nas respectivas massas, tornando-os identificáveis como tal. A massa da terra está no centro; água envolve mais ou menos a terra. O ar forma a próxima camada. Do fogo na periferia, o sol passa

---

<sup>18</sup> "A s'en tenir aux fragments originaux, nous ne trouvons d'indications que sur la sphère 1 et sur le moment qui se situe au début même de sa décomposition, quand revient le temps de la discorde et que les membres du dieu sont ébranlés. Neikos prend l'initiative et, seul, il paraît voué à s'étendre. De ces fragments, il semble permis de conclure que le monde qui naît après l'ébranlement se place sous le signe de la Haine croissante et que l'Amour perd constamment des forces. Notre univers devrait alors sa formation à la suprématie durable de la Haine, et les essais infructueux de la nature s'expliqueraient par le pouvoir trop grand encore de l'Amour."

a ser uma entidade distinta. Essa formação geocêntrica é o que os antigos geralmente reconheciam como nosso cosmos. Uma vez que é *Neikos* que separa as raízes, a cosmogonia assim descrita é presumivelmente dependente da influência de *Neikos*.

Empédocles também descreve uma fase em que *Neikos* separou a terra, água, ar e fogo. Esta separação é total e é o polo oposto do *Sphairos*, que é uma mistura total sob a influência de *Philotes*. Em DK 31 B 35, 1-6, quando *Neikos* atingiu a profundidade mais profunda do vórtice, e *Philotes* veio a estar no centro do turbilhão, sob seu domínio, todas as raízes se unificam, cada uma vindo de um lugar diferente, não de forma brusca, mas sob influxo amoroso:

Mas eu, de volta me lançando, virei à trilha de hinos que antes percorri, de um discurso derivando aquele: quando *Neikos* chegou ao mais fundo abismo do vórtice, e que em pleno torvelinho Amizade fica, nela todas estas (coisas) convergem a ser um só, não de vez, mas queridas compondo-se uma de cada canto. (SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 528, 30.)

Em primeiro lugar, esta descrição sugere que o meio pelo qual *Neikos* separa as raízes desde o início é um vórtice. Elementos mais pesados, como a terra, ficam no meio e os mais leves, como o fogo, são empurrados para a periferia. Essa referência ao vórtice também implica que o domínio de *Neikos* é caracterizado por um movimento giratório “violento”. Além disso, o fragmento sugere o fim do domínio de *Neikos* e o início do domínio de *Philotes*, pois esse princípio começa a se incutir para os elementos-raízes. A última parte, naturalmente, descreve o efeito unificador de *Philotes*.

## **CAPÍTULO II**

### **Philotes-Afrodite**

## 1. Campo semântico de Philotes e correspondência com Afrodite

*Philotes* é uma palavra composta pelo elemento φίλο-, “frequentemente empregado em compostos” – (cf. s.v. LSJ), + o sufixo -της. *Phílos*, que pode ser relacionada particularmente com a hospitalidade, tem um sentido mais amplo e mais forte do que o do vocábulo da Língua Portuguesa que o traduz. O *phílos* e seus derivados possuem valores afetivos, que aparecem nos usos que qualificam relações internas do grupo pertencente à família: *phílos* “querido”, *Philotes* “amor”. Assim, aparentemente, nada mais simples do que a relação entre *phílos* “amigo” e *Philotes*, *philia* “amizade”. *Philotes* em Homero, segundo Benveniste<sup>19</sup>, também pode ser entendido como amizade, uma amizade muito definida, que estabelece vínculos e supõe compromissos recíprocos, com juramentos<sup>20</sup> e sacrifícios. O termo grego *Philotes* é o que aparece nos fragmentos que chegaram até nós, como podemos conferir em DK 31 B 17,20: [...] καί Φιλοτής ἐν τοῖσιν, ἴση υἱκός τε πλάτος τε [...] <sup>21</sup> (E a Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura...).

Nesse verso que escolhemos (B 17, 20), portanto, destacamos o emprego do termo empedocliano Φιλοτής (*Philotes*), que Cavalcante (1996) e Bignone (1963) traduzem por Amizade, no caso do segundo autor, *Amicizia*; KRS (1983) e Wright (1981) traduzem por Amor, *Love*.

<sup>19</sup> BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. Vol.I. Tradução de Denise Battman. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

<sup>20</sup> Juramento também é o nome de um deus (ἄρκος). Os juramentos eram algo muito importante no contexto social e religioso grego, tanto que muitas vezes um deus era chamando, por meio de Hinos e Preces para se fazer presente no momento, a fim de atestar a veracidade daquele ato; sendo assim, é algo de extrema responsabilidade.

<sup>21</sup> KIRK, G.S, RAVEN, J.E e SCHOFIELD. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. Cp. DK 31 B 17, 7; B 19; B 20,2; B 21,8; B 26,5; B 35, 4 e 13.

Jean-François Balaudé na obra *Les Vocabulaire des Présocratiques*, aborda sinteticamente uma das ideias que queremos explorar no decorrer da nossa pesquisa:

De fato, a *Philotes* de Empédocles também é designada por ele como Afrodite, Harmonia, Cípris, e o modo como Parmênides introduziu o Amor faz parte de uma verdadeira cenografia mítica... *Philotes*, é uma força de união e harmonia, que dá consistência e domínio ao mundo. O amor reúne o que está disperso, desarticulado e o unifica, dá forma ao que falta e, além disso, transmite sua fecundidade ao que fecundou e formou.<sup>22</sup> (BALAUDÉ, 2002, p.9)<sup>23</sup>

É sabido que motes homéricos e hesiódicos foram empregados por Empédocles. Para o nosso enfoque, interessará destacar a presença de elementos da *Teogonia* de Hesíodo<sup>24</sup>, referidos direta ou indiretamente pelo agrigentino, por exemplo, quando se trata da genealogia dos deuses. Contudo, nesse tema em particular, Empédocles “corrige” a teologia tradicional formulada na obra hesiódica, quando afirma que Afrodite, expressão de *Philotes*, ou seja, o Amor – e não Cronos – foi, originalmente, a divindade suprema (KRS, 1983, p.334).

A referência à deusa Cípris “rainha” (DK 31 B 128), que corresponde a Afrodite na *Teogonia*, mostra que, segundo Empédocles, nem Ares, nem Zeus, nem Poseidon, nem Cronos poderiam ser deuses regentes em seu ideário, mas apenas a deusa. Ora, Cípris-Afrodite é quem preside as formas dos seres compostos no mundo, para Empédocles, como veremos. Antes, recolhamos

---

<sup>22</sup> “De fait, la philotès d'Empédocle est aussi désignée par lui comme Aphrodite, Harmonie, Cypris, et la façon dont Parménide introduisait l'Amour relève d' une véritable scénographie mythique... Mais l'essentiel est sans doute là: ce qui est pensé à travers erôs et philotès, c'est une force d'union et d'harmonie, qui donne sa consistance et sa tenue au monde. L'amour rassemble ce qui est épars, disjoint, et l'unifie, il donne forme à ce qui en manque, et de surcroît il transmet sa fécondité à ce qu'il a fécondé et formé.”

<sup>23</sup>BALAUDÉ, Jean -François. *Les Vocabulaire des PreSocratiques*. Ellipses Édition, 2002.

<sup>24</sup> De fato, poderíamos ter explorado a rede de conexões com as poesias lírica e trágica contemporâneas a Empédocles, mas as limitações temporais da pesquisa exigiram o recorte.

traços míticos tradicionais da deusa, na medida em que os consideramos de algum modo presentes, ainda que transmutados, na formulação poético-filosófica de Empédocles.

De acordo com a mitologia grega, Afrodite é a divindade que rege o amor. Porém, essa não é a única função da deusa: paixão, fertilidade, abundância, beleza, graça são alguns dos inúmeros atributos associados à sua imagem. São muitas as narrativas míticas que a envolvem, inclusive as que relatam o seu nascimento. Na *Teogonia* de Hesíodo, versos 188-206, ela nasceu quando Cronos cortou os órgãos genitais de Urano, e os arremessou ao mar. A partir da espuma do pênis que se formou nas ondas do mar, surge Afrodite:

O pênis, tão logo cortando-o com o aço atirou (188)  
do continente no undoso mar,  
aí muito boiou na planície, ao redor branca  
espuma da imortal carne ejaculava-se, dela  
uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina  
atingiu, depois foi à circunfluída Chipre  
e saiu veneranda bela Deusa, ao redor relva  
crescia sob esbeltos pés. A ela. Afrodite (195)  
Deusa nascida de espuma e bem-coroada Citeréia  
apelidam homens e Deuses, porque da espuma  
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,  
Cípria porque nasceu na undosa Chipre,  
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.<sup>25</sup> (200)

Gerada desse líquido espumoso formado pelo esperma de seu pai e as águas do mar, Afrodite carrega dentro de si a essência do seu nascimento, que enfatiza o seu papel de promotora da fertilidade, pois, assim como as águas foram fertilizadas para o seu nascimento, a deusa fertiliza os caminhos por onde passa, como descreve Hesíodo nos versos 195-6 da *Teogonia*: “[...] e saiu veneranda bela deusa, ao redor relva crescia sobre seus esbeltos pés...”

---

<sup>25</sup> HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e Tradução Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007. Daqui em diante, todas as citações da *Teogonia* procederão dessa edição, exceto se informarmos outra.

Afrodite, então, emerge das águas na ilha de Citera. Seus pés, ainda úmidos da espuma da qual foi criada, fertilizavam o solo da cidade, e por onde a deusa caminhava a relva nascia, medrando a vida no lugar. O Hino *Homérico*<sup>26</sup> VI, em seus 21 versos, descreve com riqueza de detalhes a beleza física da deusa e sua chegada à ilha, e o que acontece com Afrodite, ao sair das águas logo após o seu nascimento:

Canto a formosa Afrodite, de láureas douradas e augusta,  
 Que tem por lote as cidades muradas de Chipre marinha  
 Toda, onde a úmida força do Zéfiro, tendo soprado,  
 Trouxe-a por cima das ondas do mar de múltiplas vozes  
 Dentro de espuma macia. As Horas de frisos dourados  
 A receberam gentis e a envolveram com veste ambrosina.  
 Sobre a cabeça imortal colocaram-lhe láureas bem-feitas,  
 Belas, lavradas em ouro. Nos lóbulos já perfurados,  
 Elas puseram-lhe enfeites de ouro estimado e oricalco  
 E lhe adornaram seus seios argênteos e o tenro pescoço  
 Com amuletos dourados, os quais são as joias que as próprias  
 Horas de frisos dourados costumam vestir quando vão  
 Rumo à mansão de seu pai para a dança adorável dos deuses.  
 Logo, depois de lhe ornarem sua forma de modo completo,  
 Elas levaram-na aos deuses eternos que a vendo a acolheram,  
 Dando-lhe as mãos e rogando poder conduzi-la pra casa,  
 Cada um dos deuses, na forma de sua legítima esposa,  
 Tanto Citéria das láureas violáceas os tinha espantado.  
 Salve, senhora dos olhos furtivos, do doce que vence!  
 Dá-me vencer o presente certame e equipar-te em canção!  
 Ora de ti eu irei me lembrar e de uma outra canção!<sup>27</sup>

Afrodite é a personificação da beleza, é aquela que une os pares no amor, que dá beleza ao mundo. Afrodite impera sobre um dos mais poderosos instintos da humanidade: a procriação, o instinto de reprodução, basicamente a

---

<sup>26</sup> Os hinos homéricos são uma série de 33 hinos, dedicados a diversas divindades com a função de invocar e homenagear os deuses na antiguidade. A autoria desses poemas não é conhecida sendo provável que uma longa tradição oral os tenha produzido, sendo chamados de homéricos devido analogias estilísticas. O metro desses hinos era o hexâmetro datílico, o que os situa ao lado da *Ilíada*, da *Odisseia*, dos poemas de Hesíodo e de outros poemas épicos.

<sup>27</sup> Servimo-nos da seguinte tradução: ANTUNES, C. L. B. 26 *Hinos Homéricos. Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13-24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.

sexualidade reprodutiva. É possível conferir essa relação de Afrodite com a sexualidade nos 6 primeiros versos do *Hino Homérico V*:

Musa, reconta-me os feitos da pluridourada Afrodite,  
Cípris, aquela que incita nos deuses o doce desejo  
E tem domínio nas tribos dos homens de todo mortais  
E sobre as aves aladas e todos os tipos de feras,  
Tanto as que vivem na terra bem como as nutridas no mar:  
Todas se ocupam dos feitos da bem laureada Citéria.<sup>28</sup>

Nesses versos, é possível notar o vasto campo de atuação da deusa e o poder avassalador que Afrodite desempenha perante os deuses do Olimpo e todos aqueles seres viventes da terra, do mar ou do ar. Porém, mais adiante, nos versos seguintes 8-23 do mesmo *Hino*, são especificadas as únicas divindades que não são afetadas por esse doce desejo incitado pela deusa:

[...] O da donzela de Zeus porta-égide, Atena glaucópida, pois não se apraz com os feitos da pluridourada Afrodite. [...] Ártemis de áureos projéteis, de graves barulhos, tampouco pode Afrodite amadora do riso domar na paixão. [...] Nem para a augusta donzela compraz o labor de Afrodite, Héstitia, que Crono de curvo pensar engendrou por primeiro, Sendo a mais nova também por vontade do egífero Zeus.<sup>29</sup>

Atena, Ártemis e Héstitia são as deusas que escapam desse maravilhoso e magnífico poder de Afrodite. Ao explicitar que essas três divindades são as únicas capazes de ficarem, de certa forma, “imunes” aos encantos da deusa do amor, o poeta enfatiza que todo e qualquer outro deus ou mortal está submetido ao poder avassalador da Citéria.

A ampla gama de textos e referenciais sobre a Afrodite permitem acesso ao cosmos que a engloba e as diversas formas que ela vem sendo representada ao longo do tempo. Mais adiante, com Empédocles, a reencontramos como uma

<sup>28</sup> ANTUNES, Leonardo. *Hino Homérico 5, a Afrodite*. Neolympikai, 2014. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2014/05/hino-homerico-5-afrodite.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.

<sup>29</sup> Idem, *ibidem*.

expressão fundamental de *Philotes*. Aqui, antecipadamente podemos declarar que, para o filósofo de Agrigento, a deusa é responsável pela formação e organização dos seres vivos, o que evidencia uma forte pervivência do fundo mítico tradicional, embora em outra chave.

Podemos também dizer que, para Empédocles, o amor é presente em nós através das formas dadas às criaturas por Afrodite. Os seres mortais são formados a partir das raízes – terra, ar, água e fogo –, com mediação dos movimentos operados por *Philotes*, ou Afrodite, e *Neikos*, como vimos no primeiro capítulo, tópico 1. Vimos também que a ação de *Philotes* une raízes diferentes, e assim, formam-se as coisas particulares, bem como a estrutura de todo o cosmos. Por sua vez, *Neikos* separa esses elementos, desagregando estrutura. Mas, segundo Primavesi (2016, p.5), embora a função de *Neikos* seja a de dissolver as combinações de diferentes elementos, tanto *Philotes* quanto *Neikos* têm sua parte na composição do cosmos.

Seja como for, da análise dos versos, resulta que o filósofo de Agrigento parece ter realizado não só uma associação divina de *Neikos* com a deusa Éris<sup>30</sup> (DK 31 B 20,4; DK 31 B 122,2), que nos escritos gregos é conhecida como a deusa da discórdia, mas também, no fragmento DK 31 B 128, estabeleceu relações de *Neikos* com: *Kydoimos*, personificação da desordem (HOMERO, *Ilíada*, 18, v. 535); *Ares*, deus da guerra sangrenta (HESÍODO, *Teogonia*, v.922); *Zeus*, porta égide pai dos deuses e dos homens (HESÍODO, *Teogonia*, v.11); *Cronos* de curvo pensar (HESÍODO, *Teogonia*, v.427); *Poseidon*, deus dos

---

<sup>30</sup> A deusa em tudo o que toca ou participa, inevitavelmente gera antagonismo, confronto, disputa, ódio, violência e destruição. Hesíodo, em sua *Teogonia* aponta a entidade como filha sem pai de Nix, a Noite. Nesse caso, ela seria irmã de Thanatos, a Morte, Hypnos, o Sono, além de muitos outros. Já Homero, aponta Hera e Zeus como pais da deusa. No caso, não de forma concreta, mas apenas destaca Éris como “irmã” de Ares, o deus da guerra. Como Ares era filho de Zeus e Hera, subentende-se sua linhagem.

mares e oceanos (HESÍODO, *Teogonia*, v. 426); todos em oposição a *Philotes* que, frequentemente expressada pelo nome da deusa Afrodite, ou ainda Cípris, como podemos conferir nos versos 23 e 24 do fragmento DK 31 B 17 (SIMPLÍCIO, *Física*, 157): “ [...] por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite”.<sup>31</sup> E no fragmento DK 31 B 73 (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 530, 8): “E como outrora Cípris a terra quando a molhou em chuva, formas diligenciando a rápido fogo deu para firmar...”<sup>32</sup>. Empédocles, invoca a imagem de Afrodite em vários versos, como veremos mais adiante.

Retomando os versos 195-6 da *Teogonia*, nos quais Hesíodo descreve o momento em que a relva crescia ao redor dos pés de Afrodite, ao chegar à ilha de Citera, destacamos como notável a atribuição, à deusa, do nascimento e crescimento de flores, plantas e a árvores. Talvez seja possível estabelecer uma relação entre esses versos da *Teogonia* com o testemunho de Aécio (DK 31 A 70) em que de acordo com Empédocles as árvores foram as primeiras coisas vivas a brotarem da terra. DK 31 A 70:

Empedocles says that trees were the first animals to grow up from the earth, before the sun was unfolded around it and before night and day were separated; because of the symmetry of their blend they include the nature [logos] of male and female.<sup>33</sup>

---

<sup>31</sup> τή τε φίλα φρονέουσι και ἀρθμια ἔργα τελοῦσι,  
Γηθοσύνην καλέοντες επώνυμου ἡδ' Ἀφροδίτην'

<sup>32</sup> ὡς δέ τότε χθόνα Κύπρις, ἐπεὶ τ' ἐδίηεν ἐν ὄμβρφ,  
εἶδεα ποιπνύουσα θοῶ πυρὶ δῶκε κρατῦναι

<sup>33</sup> Empédocles diz que as árvores foram os primeiros animais a crescer da terra, antes que o sol se desdobrasse em torno dela e antes que a noite e o dia fossem separados; devido à simetria de sua mistura, eles incluem a natureza [logos] do masculino e do feminino. (AÉCIO, *Dox.Gr.*, 406 apud INWOOD, 2001, p. 186)

Podemos corroborar essa afirmação com o fragmento DK 31 B 79, transmitido por Aristóteles: “E assim põe ovos primeiro as grandes oliveiras...”<sup>34</sup>(*Da Geração dos Animais*, I, 23. 731 a 1.) Segundo Pereira (2019, p.253), “as árvores são os seres vivos mais próximos de *Philotes* e as mais diletas súditas de Afrodite”. Voltaremos a aludir a essa relação de *Philotes*-Afrodite com as árvores no capítulo destinado aos trabalhos da deusa.

Como já citamos no primeiro capítulo, Empédocles propôs, pela primeira vez, a influente teoria das quatro raízes (água, terra, ar e fogo), segundo Aristóteles: “Empédocles foi o primeiro a dizer que os elementos de natureza material são quatro em número” (*Metafísica* I 4, 985 a 29-33)<sup>35</sup> e a introduziu *Philotes* e *Neikos* como princípios cósmicos do movimento:

[...] como era evidente na natureza a existência de coisas contrárias às boas, assim como a existência não só da ordem e beleza, mas também da desordem e feiura, e a existência de males mais numerosos do que os bens, e coisas feias em maior número do que belas, houve outro pensador que introduziu a Amizade e a Discórdia como causas, respectivamente, desses contrários. (*Metafísica* I 4, 984 b 32-985 a 3)

Essa alternância, registrada por Aristóteles em chave ética, parece levar às combinações dos elementos que produzem o mundo fenomênico enquanto fase, entre a mistura completamente homogênea dos elementos em uma esfera sob ação de *Philotes* e a completa separação dos mesmos sob ação de *Neikos*. A função de *Philotes*, no mundo fenomênico, seria, então, combinar diferentes elementos ou pequenas porções de elementos, como é dito no fragmento DK 31 B 35.4-6: “[...] e que em pleno torvelhinho Amizade fica, nela todas estas (coisas)

<sup>34</sup> οὕτω δ' φωτοκεῖ μακρὰ δένδρεά πρῶτον ἐλαίας

<sup>35</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica*. Texto grego com tradução de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. Vol II. São Paulo: Loyola, 2001. Todas as citações da *Metafísica* procederão desta edição.

convergem a ser um só, não de vez, mas queridas compondo-se uma de cada canto.”<sup>36</sup> Ao misturar os elementos, *Philotes* forma coisas vivas e convence as raízes a se misturarem entre si, de boa vontade (CURD, 2016, p.66).

Curd se utiliza do termo “força criativa” (“*creative force*”) para definir *Philotes*, no sentido de que é o amor que combina ingredientes diferentes na formação de ossos ou carne, ou reúne animais para produzir outros (CURD, 2016, p.70). Então, para Empédocles, é *Philotes* que mistura e combina as raízes para formar a imensidade de criaturas mortais que nós conhecemos. Em vários versos Empédocles invoca a imagem de *Philotes*-Afrodite como esse poder criativo (DK 31 B 17,24; DK 31 B 22,5; DK 31 B 66; DK 31 B 71; DK 31 B 87), que também atende pelo nome de Harmonia (DK 31 B 23,4; DK 31 B 27,3; DK 31 B 96; DK 31 B 122,2)<sup>37</sup>, mais um heterônimo empregado por Empédocles para designar um de seus poderes motores (AFONASINA, 2012, p.66), que é *Philotes*.

Ao abordarmos a filosofia empedocliana, mesmo que a abordagem seja voltada para a atuação de *Philotes* nos seres organizados, não pudemos deixar de citar e explicitar a função de *Neikos* na alternância da regência dos elementos-raízes, apesar de a complexidade da ação de *Philotes*-Afrodite ser muito maior, comparada a ação de *Neikos*, visto que a atividade de Afrodite, como já esclarecemos no primeiro capítulo, inclui modelar todas as estruturas

---

<sup>36</sup> δίνης, εν δέ μέση φιλότης στροφάλιγγι γένηται,  
έν τή δή τάδε πάντα συνέρχεται έν μόνον είναι, ούκ άφαρ,  
άλλά θελημά συνιστάμεν' άλλοθεν άλλα.

<sup>37</sup> Um dos objetivos desta dissertação é apresentar as formas e expressões de *Philotes* encontradas nos fragmentos do Agrigentino, trabalho ao qual daremos continuidade, na medida do possível, nos próximos passos da pesquisa.

detalhadas de corpos vivos, de acordo com seu aparente desejo de preservá-los como indivíduos e como espécies (BUTLER, 2018)<sup>38</sup>.

---

<sup>38</sup> BUTLER, Edward, P. Perceiving Aphrodite: Empedoclean Metaphysics. *Walking the Worlds*, v.4, n.2, 2018, p. 40-53.

## 2. Expressões de Philotes na fase mundana do ciclo

Foi dito que Empédocles cita em seus fragmentos uma série de figuras divinas que estão inseridas no campo poético de Homero e Hesíodo. *Philotes* corresponde a Afrodite, a deusa que articula a vida. Ela parece ser a divindade por excelência, personificação simbólica do poder divino, o único princípio de tudo que une, que une e que cria inúmeros vínculos entre os seres. Contudo, a deusa não é a única “expressão de *Philotes* na fase mundana do ciclo cósmico” (PEREIRA, 2019). Harmonia, Alegria, Cípris, são algumas das expressões que podem ser encontradas nos fragmentos do filósofo de Agrigento. Tais fragmentos com as expressões de *Philotes* podem ser conferidos no quadro abaixo:

Harmonia (Ἄρμονίη)	DK 31 B 23,4; DK 31 B 27,3; DK 31 B 96; DK 31 B 122,2
Alegria (Γηθοσύνην)	DK 31 B 17,24; DK 31 B 27;
Cípris (Κύπρις)	DK 31 B 73; DK 31 B 75; DK 31 B 95; DK 31 B 98; DK 31 B 128,3;
Afrodite (Ἀφροδίτη)	DK 31 B 17,24; DK 31 B 22,5; DK 31 B 66; DK 31 B 71; DK 31 B 86; DK 31 B 87;

Agora, reunamos subsídios para pensar sobre possíveis sentidos de cada um desses nomes-expressões de *Philotes*.

## 2.1. Harmonia (Ἄρμονία)

Começaremos por Harmonia, segundo a mitologia grega. Essa deusa aparece no *Hino Homérico a Apolo* e na *Teogonia* hesiódica, como uma antiga divindade beócia que, provavelmente, foi superada por Afrodite (CUNHA, 1998, p.182). Harmonia compartilhava da maior parte das atribuições da nova deusa estrangeira, e ela não desapareceu, mas passou a integrar o cortejo de Afrodite como figura menor, o que podemos conferir no *Hino Homérico III, a Apolo*, versos 194-199:

[...] Graças de belos cabelos, então, com as álacres Horas, Hebe, Harmonia e também com a filha de Zeus, Afrodite, Dançam reciprocamente seguras com mãos em seus pulsos junto em seu meio alguém canta, não sendo nem fraca nem feia, Mas muito grande de ver e espantosa na sua feitura, Ártemis, hábil flecheira, criada contígua de Apolo.<sup>39</sup>

As Musas cantam ao som da cítara de Apolo. O deus toca e dança, pisando alto e soltando faíscas de seus pés. Tudo brilha ao seu redor. Harmonia dança em um círculo, de mãos dadas com as Graças, as Horas, Hebe e Afrodite. Com elas, mas não no mesmo coro, Ártemis canta, enquanto Ares e Hermes dançam à parte. Harmonia é filha de Ares e Afrodite na *Teogonia* (v. 937) e, como filha de Afrodite, presidia a harmonia conjugal, suavizando o conflito e a discórdia. Como filha de Ares, representava a ação harmoniosa na guerra. Harmonia foi representada também como uma divindade alegórica, presidindo a harmonia cósmica e participando do cortejo de Afrodite, como já dito acima. Como agente ou auxiliar de sua mãe, Harmonia incorpora um princípio de união ou de amor. Acreditamos que foi a partir do mito da deusa que Empédocles

---

<sup>39</sup> ANTUNES, Leonardo. *Hino Homérico 3, a Apolo*. Neolympikai, 2017. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2017/01/hino-homerico-3-vv-1-178-apollo-delio.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.

desenvolveu mais essa expressão de *Philotes*, que podemos encontrar em pelo menos quatro fragmentos do filósofo, transmitidos por Simplicio em seus comentários à *Física* de Aristóteles. Simplicio comenta que Harmonia é outro nome para *Philotes-Afrodite* “a artesã das coisas vivas e de suas partes” (CUNHA, 1999, p.183):

Como quando pintores quadros votivos pintam coloridos,  
homens em arte bem entendidos por seu talento,  
os quais quando tomam em mãos pigmentos multicores,  
em harmonia tendo misturado uns mais e outros menos,  
deles formas a todas (as coisas) semelhantes produzem,  
árvores estatuindo e também homens e mulheres,  
e feras e pássaros e peixes que se criam n'água,  
e mesmo deuses de longa vida e em honra supremos;  
assim não te vença engano (com) o senso de que outra é  
de mortais (coisas) a fonte, quantas infinitas se mostraram,  
mas claramente sabe isto, de um deus (o) mito tendo ouvido.<sup>40</sup>

Neste fragmento, DK 31 B 23, podemos perceber a relação de analogia que Empédocles estabelece entre a geração dos seres vivos (árvores, homens, mulheres, feras, pássaros e peixes), a partir das quatro raízes, e a arte da pintura, cujas produções resultam da mistura de um número limitado de pigmentos. Assim como o pintor utiliza de pigmentos para obter a arte desejada, a alternância entre as duas forças motivadoras resulta na geração de tudo, a partir da combinação das quatro raízes. Então, assim como quando os pintores

---

<sup>40</sup> ὡς δ' οὔποτε γράφεις ἀναθήματα ποικίλλωσιν,  
ἀνέρες ἀμφὶ τέχνης ὑπὸ μήτιος εὐ δεδαῶτε,  
οἳ τ' ἐπεὶ οὖν μάρψωσι πολύχροα φάρμακα χερσίν,  
ἀρμονίη μίζαντε τὰ μὲν πλέω, ἄλλα δ' ἐλάσσω,  
ἐκ τῶν εἶδεα πάσιν ἀλίγκια πορσύνουσι,  
δένδρεά τε κτίζοντε καὶ ἀνέρας ἠδὲ γυναῖκας,  
θήρας τ' οἰωνούς τε καὶ ὕδατοθρέμμονας ἰχθύς,  
καὶ τ' εἰ θεοὺς δολιχαίωνας τιμήσι φερίστους'  
οὕτω μὴ σ' ἀπάτη φρένα καινύτω ἀλλοθεν εἶναι  
θνητῶν, δσσα γε δῆλα ἴγεγάσιν} ἀσπετα, πηγῆν,  
ἀλλά τορῶς' ταῦτ' ἴσθι, θεοῦ πάρα μῦθον ἀκουσας.

conseguem representar tudo que sentem por meio de pigmentos de várias cores, Harmonia faz com que tudo neste mundo surja das quatro raízes.

Segundo Afonásina, é no fragmento DK 31 B 23 que Harmonia representa proporção, também mencionada no fragmento DK 31 B 96, que veremos mais adiante. Harmonia por vezes é heterônimo da deusa como em DK 31 B 96 e DK 31 B 122, mas, ao menos em um fragmento DK 31 B 23 é, no dizer de Afonásina, “instrumento nas mãos de Afrodite” (AFONASINA, 2012, p.72).

Avançamos então para a Harmonia do fragmento DK 31 B 27, preservado por Plutarco, em sua obra *Da Face da Lua*:

Ali nem de sol são distinguidos ágeis membros, nem tampouco de terra força hirsuta, nem mar;  
de tal modo em cerrado invólucro de Harmonia está fixado  
Esfero torneado, alegre em sua solidão circular<sup>41</sup>.

É Harmonia que mantém o *Sphairos* imóvel e uno, e a podemos considerar ainda como um princípio de coesão, aqui diretamente correspondente a *Philotes*, enquanto *Neikos*, o princípio oposto e complementar de separação, é descrito como sendo “destruidor, pernicioso e furioso” (DK 31 B 17,9; DK 31 B 19, DK 31 B 115,14). Segundo Wright (1981, p.186), o contexto de Plutarco define firmemente uma descrição dos quatro elementos completamente não misturados sob reinado de *Neikos*, antes de harmonizados pelo poder de *Philotes*. Assim, por um processo regular, a consciência divina que era parcial e perturbada nos elementos, lançada no vórtice do *Philotes* e de *Neikos*, combina-se na unidade harmônica do *Sphairos*, o deus bem-aventurado que em paz reagrupa os espíritos inquietos do mundo (BIGNONE, 1963, p.601).

---

<sup>41</sup> οθής, χωρές τό βαρύ πάν καέ χωρίς τιθεές τό κοῦφον^ ένθ' ούτ' ήελίοιο ιδεδίπτεταιί άγλαόν είδος, ούδέ μέν ούδ' αίης λάσιον μένος, ούδέ θάλασσα

A união de fogo, terra, água e ar no fragmento DK 31 B 96 de Empédocles também é obra de Harmonia:

Mas a terra amorosa em amplos recipientes,  
duas partes das oito recebeu de Nestis brilhante,  
e quatro de Hefesto; e os ossos brancos nasceram,  
pelo cimento de Harmonia divinamente ajustados.<sup>42</sup>

Este fragmento, transmitido por Simplício, traz de volta a noção de proporção já citada no fragmento DK 31 B 23. Empédocles faz de *Neikos* e de *Philotes* as causas formais entre os princípios, de acordo com a proporção pela qual eles fizeram nascer todas as coisas. Assim, a carne e os ossos e cada uma das outras partes corpóreas são formadas em uma certa proporção, ou seja, graças a causas divinas *Philotes* e *Neikos* e, sobretudo, a *Philotes* ou Harmonia; porque as coisas são ajustadas por suas colas (BOLLACK, 1969, p.384), como podemos conferir no verso 4, de DK 31 B 96. Este fragmento descreve o trabalho de Harmonia relativo à proporção de cada raiz para a formação dos ossos, o que encaixa perfeitamente com o que é referido nas três primeiras linhas do fragmento, citadas com aprovação por Aristóteles (WRIGHT, 1981, p.209), em *Sobre a Alma* 410a 1-6: “Pois cada coisa não são os elementos em nenhuma condição antiga, mas em certa proporção e combinação, como Empédocles diz sobre o osso: (DK 31 96.1-3)”. Isso por mostrar que não são os elementos-raízes de que algo é feito que conferem à coisa o seu caráter, isto é, a proporção de sua combinação. Estamos, portanto, diante de um fragmento fundamental para a descrição dos trabalhos de Afrodite, e pausamos temporariamente a discussão

---

<sup>42</sup> ἢ δὲ χθων ἐπίηρος ἐν εὐστέροισι χοάνοισι  
τῶ δύω τῶν ὀκτώ μερέων λάχε Νήστιδος αἴγλης,  
τέσσαρα δ' Ἐφαιστοῖο' τὰ δ' ὀστέα λευκά γέγοντο,  
ἀρμονίης κόλλησιν ἀρηρότα θεσπεσ' ἰηθεν.

sobre seu teor, para retomá-la mais adiante. Seguiremos, agora, para o fragmento DK 31 B 122, transmitido por Plutarco, na obra *Da Tranquilidade da Alma* 15, 474 B:

Lá estavam Subterrâneas e Vista-de-Sol que ao longe vê,  
Batalha sanguinolenta e Harmonia de manso olhar, e Belíssima e Feia,  
Rápida e Demorada,  
Infalível amorosa e, de negras pupilas, Incerteza.<sup>43</sup>

Plutarco contrasta as personificações enquanto espécies de espíritos do bem e do mal que acompanham os homens ao longo da vida: batalha e Harmonia, belo e feio, rápido e demorado, *Philotes* e *Neikos*. Os membros de cada par, no entanto, não são todos opostos e vistos, obviamente, como bons e maus. Antes, é possível que se atraíam e complementem, um dependendo da existência do outro (WRIGHT, 1981, p.280).

A artesã que vemos trabalhar em todos esses fragmentos é Afrodite, que combina os quatro elementos para construir as formas e cores de compostos temporários como podemos conferir em DK 31 B 71: “Mas se sobre estas (coisas) era falha tua certeza, como é que de água, de terra, de éter e de sol misturados nasceram formas e cores de mortais (coisas), tantas quantas agora existem conjugadas por Afrodite.”<sup>44</sup> (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 529, p.28)

Ora, todas as coisas que, tendo sido compostas por Afrodite, agora existem. Wright observa que o particípio “reforça a noção de que não se trata de uma mistura, mas de um ajuste das partes para fazer o todo”. O mesmo vale para o

---

<sup>43</sup> ἐνθ' ἦσαν Χθον'ιη τε καί Ἡλιόπη ταναώπις,  
Δήρ'ις θ' αίματόεσσα καί Ἀρμονίη θεμερωπις,  
Καλλιστώ τ' Αισχρή τε, θόωσά τε  
Δηναίη τε, Νημερτής τ' ἐρόεσσα μελάγκουρός τ' Ασαφεία.

<sup>44</sup> εἰ δέ τί σοι περὶ τώνδε λιπόζυλος ἐπλετο πίστις,  
πώς ὕδατος γὰ'ιτης τε και αιθέρος ἡελίου τε  
κιρνομένων εἶδη τε γενοίατο χροιά τε θνητῶν  
τόσσ' δσα νῦν γεγάσι συναρμοσθέντ' Αφροδίτη

fragmento DK 31 B 23 onde não se trata de uma “mistura” de cores a fim de se obter, com Harmonia, diversas tonalidades, mas de uma justaposição de cores diferentes.

Do exposto, percebemos que a Harmonia é um dos conceitos centrais da filosofia do Agrigentino, pois abrange vários níveis da sua zoogonia. Assim, podemos dizer que a Harmonia se revela nas raízes-elementos, unindo-os como cola, tanto na fase mundana do ciclo, como na estruturação do *todo uno*, ou seja, do *Sphairos*. (SOUZA, 2018)

## 2.2. Alegria (Γηθοσύνην)

As três Graças são as divindades da beleza. São elas que espalham a alegria na natureza e no coração dos homens, e até no dos deuses. Moram no Olimpo, na companhia das Musas, com as quais as vezes faziam coros. Elas são representadas como três irmãs que têm os nomes de Eufrosina, Talia e Aglaia. Têm Zeus como pai, e como mãe Eurínome, filha de Oceano, (HESÍODO, *Teogonia*, v. 910) “de cujos olhos brilhantes esparge-se o amor solta membros, e belo brilha o olhar sob os cílios” (v. 910-1).

Atribui-se às Graças toda a espécie de influências nos trabalhos do espírito e nas obras de arte (RAGUSA, 2001, p.117). Elas emprestam sua graça e beleza a tudo o que deleita e eleva deuses e homens. Foram elas que teceram a veste de Harmonia. Acompanham de bom grado Atena, deusa da guerra astuciosa e da inteligência. Eram associadas à deusa Afrodite, fazendo parte de sua comitiva e acompanhando-a em todos os lugares (RAGUSA, 2001, p.117).

Encontramos referência a Alegria nos fragmentos de Empédocles, aqui retomando DK 31 B 27: “[...] Esfero torneado, alegre em sua solidão circular” (PLUTARCO, *Da Face da Lua*, 12, p.926 d). No mesmo sentido, o fragmento DK 31 B 28 “[...] Mas o de todo lado igual a si mesmo e todo infinito / Esfero torneado, alegre em sua solidão circular” (ESTOBEU, *Éclogas*, I, 15, 2 ab). Finalmente, temos o verso 24 do fragmento DK 31 B 17: “[...] por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite. [...]”<sup>45</sup> (SIMPLÍCIO, *Física*, 157).

Sob a influência de *Philotes*, os elementos-raízes se combinam em uma esfera homogênea (*Sphairos*), harmoniosa, resplandecente, alegre, unidos e ajustadas, como já vimos no primeiro capítulo de nossa pesquisa; enquanto na fase mundana, Alegria está associada ao pensamento e ao labor humano, no âmbito ético-amoroso de *Philotes*- Afrodite.

### 2.3. Cípris (Κύπρις)

Eu cantarei a nativa de Chipre, Citéria, que aos homens  
Dá seus presentes gentis, com sorrisos no rosto adorável  
Sempre e adorável também sendo o brilho que cobre a sua tez.  
Salve, deidade, que tens Salamina bem-feita em tua guarda e  
Chipre banhada no mar! Para mim, dá uma amável canção!  
Ora de ti eu irei me lembrar e de uma outra canção! (*Hino Homérico X*,  
a Afrodite<sup>46</sup>)

<sup>45</sup> τῆι τε φίλα φρονέουσι καὶ ἄρθμια ἔργα τελοῦσι

<sup>46</sup> Tradução citada: ANTUNES, C. L. B. 26 *Hinos Homéricos. Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13-24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.

Afrodite que surgiu "das ondas do mar", tão logo nasceu, foi levada pelas ondas ou pelo vento Zéfiro para Cítera e em seguida para Chipre, terras consideradas como a pátria de Afrodite e que lhe deram os epítetos de Citeréia e Cípris, como podemos conferir retomando os versos 201-206 da *Teogonia* de Hesíodo:

[...] Afrodite Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citeréia  
apelidam homens e Deuses, porque da espuma  
criou-se e Citeréia porque tocou Citera,  
Cípria porque nasceu na undosa Chipre,  
e Amor-do-pênis porque saiu do pênis à luz.

Afrodite, a áurea deusa *Cípris*, assim como aquilo a que denominamos "amor", tem múltiplas faces, desde a mais suave até a mais ameaçadora. Segundo Hesíodo (*Teogonia*, v. 209-211) são essas as honrarias da deusa:

[...] Esta honra tem dês o começo e na partilha  
coube-lhe entre homens e Deuses imortais  
as conversas de moças, os sorrisos, os enganos,  
o doce gozo, o amor e a meiguice.<sup>47</sup>

No fragmento DK 31 B 73, cuja fonte é Simplício, encontramos a primeira referência a Ciprís nos fragmentos de Empédocles: “E como outrora Cípris a terra, quando a molhou em chuva, formas diligenciando, ao rápido fogo deu para firmar.”<sup>48</sup>

O fragmento é citado por Simplício, junto com DK 31 B 71, DK 31 B 75, DK 31 B 86, DK 31 B 87, DK 31 B 95 – e todos mencionam *Philotes*-Afrodite-

---

<sup>47</sup> HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. Estudo e Tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2007.

<sup>48</sup> ὡς δέ τότε χθόνα Κύπρις, ἐπεὶ τ' ἐδίηεν ἐν ὄμβρῳ,  
εἶδεα ποιπνύουσα θοῶ πυρὶ δῶκε κρατῦναι

Cípris como artesã responsável pelas formas de vida e suas partes. Simplicio acrescenta que Empédocles está falando sobre o cosmos.

A linguagem de DK 31 B 73 é a do oleiro e suas formas de barro, umedecidas e depois queimadas (WRIGHT, 1981, 233). Como já dissemos no tópico inaugural deste capítulo, acreditamos que Afrodite ocupa o papel de Zeus Cronida, do soberano de Olimpo e criador dos fenômenos naturais. Ora, Empédocles diz isso claramente nos versos iniciais do fragmento DK 31 B 128, cuja fonte é Porfírio (*Da Abstinência*, II, 20):

Nem para aqueles era algum deus Ares, nem Kydoimos, nem Zeus soberano, nem Cronos, nem Posidão, mas Cipris, rainha [...] Esta com piedosas oferendas propiciavam, com pinturas de animais e perfumes de rica fragância, com oblações de mirra pura e de incenso perfumado, libações de mel dourado derramando sobre o solo; e com puro sangue de touros não se aspergia altar, mas isto era uma mácula, a maior entre homens, arrancar uma vida e devorar nobres membros.

Nos versos 1 e 2, *Neikos* teria um fio condutor com todas as divindades nomeadas. Para M. R. Wright, (1981, p.282), a ligação de Cípris com *Philotes* é clara, ao serem oferecidos à deusa, que era considerada como padroeira das criaturas, quando todas viviam sob a influência da amizade, perfumes, incenso, mirra e mel (WRIGHT, 1981, p.283), ofertas sem sangue, pertencentes ao início da história da humanidade. Era “quando” *Philotes* controlava tudo, e ninguém matava nenhum animal, na crença de que os outros animais são nossos parentes. Mas quando Ares e Kydoimos e todos os tipos de batalha e o início das guerras tomaram o controle, então pela primeira vez ninguém poupou nenhum de seus parentes (INWOOD, 2001, p.146).

Recordamos aqui que Empédocles afirma que *Philotes*, ou seja, Amor/Amizade, e não Cronos, foi originalmente o deus supremo (KRS, 1983, p. 334). A negação do reinado de Cronos, segundo Wright (1981, p.283), se dá em

contraste com o reinado da Idade de Ouro de Hesíodo<sup>49</sup>. Neste período, os sacrifícios eram realizados com animais, o que Empédocles considera como um assassinato de seus próprios parentes como podemos conferir em DK 31 B 136: “Não ireis parar com matança de sinistros ecos? Não vedes que uns aos outros vos devorais em desmazelos de mente?”<sup>50</sup> Também em DK 31 B 137, lemos:

De forma mudado o próprio filho o pai, erguendo-o,  
degola fazendo uma prece, grande tolo; e se perturbam  
o suplicante sacrificando; e surdo aos próprios clamores,  
feita a degola, prepara em casa infame festim.  
E assim mesmo o filho agarra o pai e as crianças a mãe,  
e a vida lhes arrancando, as próprias carnes devoram.<sup>51</sup>  
(SEXTO EMPÍRICO, IX, 127)

Os fragmentos DK 31 B136 e B 137 nos revelam o horror ao derramamento de sangue e ao consumo de carne, pois se seguirmos realmente a teoria de Empédocles, aos matarmos um animal, podemos estar a matar nosso filho ou nosso próprio pai, o que é bem visível analisando o segundo verso de DK 31 136, no qual se pressupõe que Empédocles está a fazer uma súplica para que as pessoas percebam que estão devorando uns aos outros. O mesmo apelo se encontra nos primeiros versos de DK 31 B 137, onde Empédocles descreve o sacrifício de um animal, como se fosse um pai matando seu próprio filho.

---

<sup>49</sup> O termo idade de ouro, vem da mitologia grega, sendo descrita na obra *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo. Refere-se ao mais antigo período da mitologia grega, que divide a evolução da espécie humana em cinco períodos: Idade de Ouro; Idade de Prata; Idade de Bronze; idade heroica; e Idade de Ferro. Na mitologia grega clássica, a Idade de Ouro foi presidida pelo Titã Cronos.

<sup>50</sup> οὐ παύσεσθε φόνιοιο δυσηχέος; οὐκ έσοράτε  
ἀλλήλους δάπτοντες ἀκηδεΐησι νόοιο

<sup>51</sup> μορφήν δ' ἀλλάξαντα πατήρ φίλον υἷον ἀείρας  
σφάζει έπευχόμενος μέγα νήπιος Χοΐ δέ πορεύνταιΧ  
λίσσόμενον θύοντες' Χό δ' ἀνήκουστοςΧ όμοκλέων  
σφάξας έν μεγάροισι κακήν άλεγύνατο δαίτα.  
ώς δ' αύτως πατέρ' υἷός έλών καί μητέρα παιδες  
θυμόν άπορραΐσαντε φίλας κατά σάρκας έδουσιν

Empédocles descreve os sacrifícios tradicionais, que seriam, segundo ele, ocasiões em que as pessoas supostamente poderiam matar e alimentar-se umas das outras. Todo sacrifício é divino, isto é, uma atividade realizada em honra aos deuses, mas para agradar aos deuses, como Empédocles é um cultor de *Philotes* e Afrodite (PEREIRA, 2017, p. 244), em DK 31 B 128 a referência à deusa Cípris como “rainha”, que corresponde, como já mostramos no tópico anterior, a Afrodite nos fragmentos e nos poemas hesiódicos, as oferendas não poderiam ser realizadas com sangue. Antes, eram ofertadas presumivelmente representações da deusa, ou para a deusa, como se nota na descrição de pinturas de figuras de animais (afinal, Ciprís é a padroeira das criaturas vivas), perfumes, incenso e mirra e mel (WRIGHT, 1981, p. 283). Ora, como já é sabido por nós, segundo Empédocles, nem Ares, nem Zeus, nem Poseídon, nem Cronos eram deuses para os humanos, mas apenas “Cípris, rainha”. Cípris-Afrodite é, em suma, a que preside e mantém coesas as formas de vida.

#### 2.4. Afrodite (Ἀφροδίτη)

*Philotes* é aquela força interna que, nos próprios elementos-raízes, atua na união, no nascimento de novas combinações, é justo dar-lhe o seu nome tradicional e popular de Afrodite, embora os mortais possam ter uma imagem incompleta e mutilada dela. Afrodite é deslumbrante, os homens a contemplam deslumbrados, como que se fascinados por sua luz. Empédocles revela aos homens o bem de *Philotes*, de amor, de afeto. Ela faz a vida florescer das entranhas da terra, ela era a personificação dos poderes geradores da natureza

e a mãe de todos os seres vivos. Dessa forma, sendo popularmente conhecida como a deusa do amor, que excitava a paixão nos corações de deuses e homens, e por deter esse poder, governa sobre toda a criação viva. Nos versos 20-26 de DK 31 B 17, transmitidos por Simplício, podemos encontrar a primeira referência de *Philotes* com o nome da deusa Afrodite:

[...] e Amizade dentro deles, igual em comprimento e largura; contempla-a co'a mente, e com os olhos não te sentes pasmo; ela entre mortais se considera implantada em seus membros, por eles pensam (coisas) de amor e obras ajustadas fazem, de Alegria chamando-a pelo nome, e de Afrodite. Ela por entre eles se enrolando não a viu nenhum mortal; mas tu ouve do discurso a sequência não enganosa. <sup>52</sup>

Aqui, Empédocles, especificamente afirma que *Philotes* não é para se ver com os olhos, mas sim que a nossa consciência sobre ela provém das nossas próprias experiências de atração, combinadas com nossos poderes de entendimento (CURD, 2016, p.72). Podemos afirmar que DK 31 B 17 é um fragmento essencial para explicar a filosofia de Empédocles e, ademais, que nos dá sinais claros da admiração do nosso filósofo-poeta pela deusa. De seu teor é possível depreender que, para Empédocles, *Philotes* está presente em nós através das formas dadas às criaturas por Afrodite.

Já o fragmento DK 31 B 22 pode nos sugerir que toda a atração, quer de semelhantes quer de dissemelhantes, é realizada por Afrodite: “[...] E assim mesmo quantas em mistura melhor se correspondem, umas às outras se amam,

---

<sup>52</sup> και φιλόττης ἐν τοῖσιν, ἴση μήκος τε πλάτος τε'  
τὴν σὺ νόφ δέρκευ, μηδ' ὄμμασιν ἴσο τεθηπῶς'  
ἤτις καὶ θνητοῖσι νομίζεται ἐμφυτος ἄρθροις,  
τῆ τε φίλα φρονέουσι καὶ ἄρθμια ἔργα τελοῦσι,  
Γηθοσύνην καλέοντες ἐπώνυμου ἠδ' Ἀφροδίτην'  
τὴν οὐ τις μετὰ τοῖσιν ἐλισσομένην δεδάηκε  
θνητός ἀνὴρ' σὺ δ' ἄκουε λόγου στόλου οὐκ ἀπατηλόν.

semelhadas por Afrodite.”<sup>53</sup> (SIMPLÍCIO, 160, 26). Afrodite traz partes separadas das raízes em misturas as adequando em proporções (WRIGHT, 1981, p.192), como vimos rapidamente em DK 31 B 96, no qual as misturas se ajustam à maneira da atração que provoca a união sexual.

Os detalhes de "moldar", "colar" e "pregar" as peças em inteiros são apresentados nos fragmentos DK 31 B 71 onde Empédocles descreve como Afrodite encaixa uma mistura de elementos com o objetivo de criar os mortais: “Mas se sobre estas (coisas) era falha tua certeza, como é que de água, de terra, de éter e de sol misturados nasceram formas e cores de mortais (coisas), tantas quantas agora existem conjugadas por Afrodite...” <sup>54</sup>(SIMPLÍCIO, *Do céu*, 529, 28).

Segundo Wright (1981, p.221), é nos fragmentos DK 31 B 71, DK 31 B 86, DK 31 B 87 e DK 31 B 95, todos preservados por Simplício, que Empédocles esclarece o princípio geral do trabalho de Afrodite neste mundo, o qual consiste em produzir a variedade da vida como a conhecemos, a partir das combinações das quatro raízes-elementos. Essa temática, veremos no terceiro e último capítulo da nossa dissertação.

---

<sup>53</sup> ἀλλήλοις εστερκται ὁμοιωθέντ' Αφροδίτην  
 ἔχθρα μάλιστ' (ὄσα) πλείστον ἀπ' ἀλλήλων διέχουσι  
 γέννη τε κρήσει τε και εἶδεσιν ἐκμακτοῖσι,  
 πάντη συγγίγνεσθαι ἀήθεα και μάλα λυγρά  
 ΧνείκειογεννέστησινΧ ὅτι σφισι Χγένναν ὄργα

<sup>54</sup> εἰ δέ τί σοι περί τώνδε λιπόζυλος ἐπλετο π'ιστις,  
 πῶς ὕδατος γα'ιτης τε και αιθέρος ἡελίου τε  
 κρνομένων εἶδη τε γενοίατο χροιά τε θνητών  
 τόσσ' δσα νῦν γεγάασι συναρμοσθέντ' Αφροδίτη

## **CAPÍTULO III**

### **Os trabalhos de Afrodite**

## 1. Membros solitários e errantes: o início da zoogênese

Para explicar a origem dos primeiros organismos vivos, Empédocles concebeu uma espécie de teoria da evolução<sup>55</sup>, na qual, no início, animais e plantas não se formavam completos, mas se constituíam membros independentes. Dissociados, os membros e órgãos do corpo formavam-se não unidos: olhos fora das cavidades, braços sem ombros e rostos sem pescoços, como podemos conferir no fragmento DK 31 B 57, transmitido por Simplício: “nela muitas cabeças sem pescoço germinaram, e nus erravam braços desprovidos de ombros, e olhos sozinhos vagueavam privados de frente”<sup>56</sup>. Na narrativa empedocliana, esses órgãos vagaram ao acaso até encontrarem pares; então, fizeram uniões, que nessa primeira fase resultavam, com frequência, não adequadas. Wright (1981, p. 211) percebe que as cabeças, braços e olhos, no fragmento extraordinário que citamos, parecem ter sido pensados como brotando da terra, resultantes da primeira mistura das raízes, à medida que estas se movem de muitas para uma, visto que as mesmas se unem e se misturam em um impulso ativo, em que partes separadas passam a se juntar; e depois, formando órgãos, estes que, a sua vez, se movem ou flutuam sem rumo. Bollack (1969, p. 412) expressa pensamento similar ao salientar que os membros realmente crescem do solo como plantas: germinam, são maltratados e vagueiam, solitários. Como mencionamos brevemente no segundo capítulo, as

---

<sup>55</sup> Sobre Empédocles como uma espécie de “evolucionista *avant-garde*, ver, por exemplo: SEDLEY, D. Empedoclean Superorganisms. *Rhizomata*, v. 4, n. 1, p. 111- 125. 2016. Também: SEDLEY, D. *Lucrecio and the transformation of Greek Wisdom* Cambridge:Cambridge University Press, 1998.

<sup>56</sup> ἢ πολλαὶ μὲν κόρσαι ἀναύχενες ἐβλάστησαν.  
 γυμνοὶ δ' ἐπλάζοντο βραχίονες εὐνίδες ὤμων,  
 ὄμματα τ' οἱ ἐπλανάτο πενητεύοντα μετώπων,

plantas foram as primeiras coisas vivas a brotar da terra, então podemos supor que a espécie humana nasceu depois delas. Nessa fase, *Neikos*, não *Philotes*, era dominante, razão pela qual os membros estavam isolados, em movimento desordenado, e eles teriam continuado assim se *Philotes* não pudesse eventualmente reuni-los. A presença de *Neikos* é marcante na fase em que os membros estão sendo formados por *Philotes*, situado entre eles, impedindo-os de se reunirem. Para Empédocles, os membros nascem separados, num movimento primitivo de junção, e são unidos, uma segunda vez, por *Philotes* (BOLLACK, 1969, p.411). A segunda vez corresponde ao momento em *Philotes* afirma sua influência, formando os seres organizados. Da mistura de raízes nas devidas proporções, surgem várias formas de vida animal. Em última análise, tanto os animais quanto o cosmos parecem quando *Philotes* reúne totalmente as raízes.

Na fase inicial da zoogênese resultaram várias monstruosidades, como homens com cabeça de boi, bois com cabeça de homem, criaturas andróginas com rostos e seios na frente e nas costas, como lemos em DK 31 B 61: “Muitos de ambíguo rosto e de ambíguo peito nasciam, bovinos de figura humana, e ao contrário surgiam humanos de cabeça bovina, híbridos em parte de homens, em parte raça de mulher de umbrosos membros ornada”<sup>57</sup> (ELIANO, *Natureza dos Animais*, XVI, 29). Wright afirma que: “as quatro linhas são dadas por Eliano em

---

<sup>57</sup> πολλά μὲν ἀμφιπρόσωπα καὶ ἀμφίστερον' ἐφύοντο,  
βουγενὴ ἀνδρόπρφρα, τὰ δ' ἔμπαλιν ἐζανέτελλον  
ἀνδροφυη βούκρανα, μεμιγμένα τή μὲν ἀπ' ἀνδρῶν  
τή δέ γυναικοφυή, Χσκιεροῖς Χήσκημένα γυ'ιοῖς

um breve contexto de Empédocles falando de criaturas compostas, com duas formas em um corpo”<sup>58</sup> (1981, p.213).

Nos fragmentos acima, há uma mudança de um estado de separação para um de combinação e cooperação entre as raízes. A combinação e a cooperação são, naturalmente, obra de *Philotes*. Se a mesma fase também produziu criaturas não fantásticas, por exemplo, bois com cabeça de boi, não está claro. Aristóteles parecia pensar que sim, porque ele diz que algumas dessas combinações eram adequadas para sobreviver. A maioria desses organismos do acaso eram frágeis ou estéreis e somente as estruturas mais bem adaptadas sobreviveram para tornar-se os seres e as espécies animais que conhecemos. Nessa perspectiva, a capacidade de reproduzir foi algo devido ao acaso, não a um plano, ou teleologia (ARISTÓTELES, *Fis.* II 8, 198 b 29, apud BIGNONE, 1963, p.573). Alguns desses organismos seriam resultantes inadequados e por isso faltavam ou sobravam partes, enquanto outros organismos possuíam combinações harmoniosas, essas últimas subsistiriam, pois, estariam aptas a executar todas as suas funções orgânicas básicas, enquanto os organismos incompletos pereciam.

Ora, foi pelos laços de Afrodite que se formaram as primeiras estruturas no mundo: ossos, carne, nervos e sangue. Mas como o mundo ainda era recente e jovem, e a Harmonia ainda era fraca, os membros saltavam do chão separados e desarticulados (DK 31 B 57, DK 31 B 58, DK 31 B 59). Esses primeiros seres monstruosos, impróprios para a vida, deixaram de existir, como citamos acima; mas, como novos membros se produziam e o poder de Harmonia crescia cada

---

<sup>58</sup> “The four lines are given by Aelian in a brief context of E. speaking of composite creatures, with two forms in one body.”

vez mais, novas estruturas se tornaram mais harmônicas, e assim as primeiras criaturas vitais finalmente surgiram na terra (BIGNONE, 1963, p.288). A errância e o extraviar sugerem movimentos sem rumo e desordenados, como já pudemos perceber e, portanto, alguma influência de *Neikos*.

Em DK 31 B 62, no segundo conjunto dos fragmentos, encontramos uma explicação do modo como as criaturas organizadas vêm a ser:

Agora vem, e como de homens e mulheres de muitos prantos (1)  
 noturnos rebentos trouxe à luz separando-se o fogo,  
 destes ouve; pois não é mito sem alvo e sem ciência.  
 Inteiriços primeiro (os) tipos de terra surgiam,  
 de ambos, de água e de forma brilhante, tendo parte; (5)  
 estes fogo faziam subir querendo ao semelhante chegar,  
 nem ainda de membros amável forma mostrando (eles),  
 nem voz nem, (tal) qual, o membro próprio dos homens.  
 (SIMPLÍCIO, *Física*, 381, 29.)<sup>59</sup>

Aristóteles também critica, em *Da Geração dos animais*, o processo de acasalamento das partes, a partir do qual Empédocles poderia ter proposto que os animais são produzidos no período de predominância de *Philotes*; mas ele é mais benevolente em relação a outra opinião de Empédocles, qual seja, a de considerar os animais como tendo surgido das massas uniformes (DK 31 B 62), que Aristóteles compara à semente genital, com o que se vê na presente fase de *Neikos*. Precisamente neste ponto, Aristóteles enaltece a intenção de

---

<sup>59</sup> Ἵν δ' ἀγ', δπως ἀνδρῶν τε πολυκλαύτων τε γυναικῶν  
 ἐννυχίους δρηκας ἀνήγαγε κρινόμενον πῦρ,  
 τῶνδε κλύ' οὐ γάρ μῦθος ἀπόσκοπος οὐδ' ἀδαήμων  
 οὐλοφεῖς μὲν πρῶτα τύποι χθονδς ἐζανέτελλον,  
 ἀμφοτέρων ὕδατος τε και εἶδεος αἴσαν ἔχοντες"  
 τους μὲν πῦρ ἀνέπεμπε θέλον πρὸς ὁμοῖον ἰκέσθαι,  
 οὔτε τί πω μελέων ἐρατόν δέμας ἐμφαίνοντας,  
 οὔτ' ἐνοπήν Χούτ'Χ ἐπιχώριον ἀνδράσι ΧγύωνΧ.

Empédocles, já que no sêmen genital masculino e no feminino há um símbolo, de modo que nem de um nem de outro pode derivar um ser inteiro, e cita o fragmento DK 31 B 63: “Mas está dividida a geração de membros: uma em masculino...”<sup>60</sup> (ARISTÓTELES, *Da Geração dos Animais* I 18, 722 b 10).

Bem, é singular que o próprio Aristóteles, imediatamente depois, censure novamente a gênese dos membros separados, como podemos conferir ao consultar Bignone: “É impossível que partes (ou seja, membros de animais formados) possam se conservar vivas separadas do ser animado, como acontece em DK 31 B 57 no período de *Philotes*”<sup>61</sup>(1963, p. 567). De fato, quando Aristóteles, segundo Bignone, diz “partes separadas”, ele quer dizer, como mostra DK 31 B 57, partes distintas do corpo (cabeças, pescoços, braços etc.) que são totalmente formadas, mas não formam um todo orgânico, e, assim, opõem-se às primeiras formas vitais apontadas em DK 31 B 62. Por outro lado, se formos analisar o que diz Empédocles, ele afirma, que os membros surgem separadamente e que eles foram formados na terra no período em que *Philotes* prevalecia (BIGNONE, 1963, p. 567).

Em síntese, de acordo com os fragmentos DK 31 B 57, DK 31 B 59, DK 31 B 60 e DK 31 B 61, em primeiro lugar, membros e órgãos individuais foram produzidos a partir da terra. Vagaram separadamente a princípio, e então, sob o poder combinador de *Philotes*, eles se juntaram em todos os tipos de combinações híbridas, selvagens e aparentemente aleatórias, produzindo criaturas de compleição dupla, hermafroditas, seres humanos com cara de boi e

---

<sup>60</sup> ἀλλά διέσπασται μελέων φύσις, ἢ μὲν ἐν ἀνδρός.

<sup>61</sup> “È impossibile che delle parti grandi (cioè membra animali conformate) possano conservarsi in vita separate fra loro ed essere animate, come avviene nella generazione empedoclea del periodo dell'Amicizia, in cui egli disse.”

boi com cara de seres humanos, como já destacamos acima. As criaturas formadas erroneamente a partir de partes díspares ou inadequadas morrerão, ou imediatamente, ou por serem incapazes de se reproduzir, e apenas as criaturas por acaso formadas com membros homogêneos sobreviverão, e assim fundarão as espécies estáveis. Wright (1981, p.52) diz que talvez essa seria a solução de um problema, ao explicar a origem de criaturas mitológicas, como o Minotauro (corpo de homem e cabeça de touro) e o Centauro (cabeça, braços e dorso de um ser humano e com corpo e pernas de cavalo). Na análise de DK 31 B 61, Wright cita além do Minotauro e dos Centauros, as Harpias, as Erínias, e em particular, da *Teogonia* de Hesíodo, Équidna e suas descendentes Quimera e Esfinge.

A produção de espécies e sua ordenação podem parecer se explicar por um processo mecanicista, por vezes reconhecido como precursor da teoria da seleção natural de Darwin. Ao contrário da teoria de Darwin, no entanto, parece não haver evolução gradual de uma espécie para outra, e toda a variedade da natureza é produzida em uma grande explosão de conjunções no início, sendo então reduzida por extinções nas criaturas que se estabilizam<sup>62</sup>. Que esta teoria pretende explicar as origens tanto de humanos quanto de animais é assegurado pelas partes componentes das criaturas-homem com cabeça de boi e das criaturas-boi com cabeça de homem.

No entanto, Empédocles também acrescenta a essa teoria outra explicação sobre as origens dos humanos, muito ao longo das linhas dos mitos tradicionais da criação. Como já vimos, em DK 31 B 62 ele descreve os

---

<sup>62</sup> Sobre a associação entre teores empedoclianicos e darwinistas, ver a síntese de PRIMAVESI (2016), p. 19-20. Também, em outro viés, SEDLEY, D. Empedoclean Superorganisms. *Rhizomata*, v. 4, n. 1, p. 111- 125. 2016.

“rebentos” de homens e mulheres surgindo da terra, elaborados pelo fogo à medida que este elemento se separa dos outros, durante a geração sob o poder de *Neikos*. Como sua escolha da palavra “brotos” (ὄρπηξι) indica, esses seres ainda não são totalmente articulados com membros distintos, mas “formas de toda a natureza” que “ainda não mostravam a forma adorável dos membros, ou voz ou linguagem nativa do homem” (WRIGHT, 1981, p. 215) . Podemos supor que, à medida que *Neikos* aumenta seu poder, esses “brotos”, assim como os botões das plantas, gradualmente se tornam totalmente articulados com membros e características distintas. Desse modo, as origens humanas são explicadas por uma analogia botânica, com os humanos como produções biológicas da própria terra. Assim, tanto a criação sob o domínio de *Philotes* quanto a criação sob o domínio de *Neikos* referem-se às origens das plantas, animais e humanos.

Em DK 31 A 72 podemos verificar no testemunho de Aécio a forma em que as espécies de animais foram distinguidas:

Empédocles diz que as primeiras gerações de animais e plantas não eram de todo inteiras, mas eram desarticuladas com partes que não cresciam juntas; e as segundas gerações eram como imagens de sonho, com as partes crescendo juntas; o terceiro era de natureza integral; as quartas não eram mais [produzidas] a partir de substâncias homeômeras como terra e água, mas neste estágio elas eram produzidas umas pelas outras - [a causa sendo] a condensação do alimento para alguns, enquanto para outros a beleza das mulheres, que estimulação produzida do movimento reprodutivo [lit. movimento da semente], também [funcionou como causa]. As espécies de todos os animais foram distinguidas de acordo com o caráter das misturas [de elementos]; alguns são mais inclinados para a água, outros (os que têm predominância do elemento ígneo) voam para o ar, os mais pesados vão para o chão, enquanto aqueles igualmente equilibrados em sua mistura [...] <sup>63</sup>

---

<sup>63</sup> Aetius 5.19.5 (Dox. Gr. 430). “Empedocles says that the first generations of animals and plants were not at all whole, but were disjointed with parts not grown together; and the second generations were like dream images, with the parts growing together; the third were whole-natured; the fourth were no longer [produced] from homoiomerous substances like earth and water, but at this stage they were produced by each other - [the cause being] the condensation

Neste testemunho, Aécio expõe que o cosmo teria quatro gerações de animais e plantas. A primeira fase compreende o período dos membros solitários e errantes, a segunda fase compreenderia o período em que os monstros são formados, os entes vivos completos fazem parte da terceira fase, o quarto estágio seria o momento em que vivemos, pois é o estágio em que ocorre nutrição e procriação, pois esses processos prolongam a vida dos entes vivos (BOLLACK, 1969, p.403).

De imediato, podemos relacionar o termo nutrição ao nascimento das plantas, as primeiras coisas vivas a brotarem da terra. A planta endurece a casca da fruta para armazenar o alimento da mesma. A menor parte da nutrição da planta é armazenada na casca da fruta. O alimento é como a semente para as plantas. Assim como o sêmen vem de todas as partes do corpo de um animal, o alimento é obtido de todas as partes do corpo de uma planta. Os frutos que essas plantas produzem crescem como animais jovens. Supõe-se que o fruto é como um embrião que foi separado de sua mãe. As árvores se reproduzem antes do aparecimento dos humanos (DK 31 B 79). Podemos ver plantas gerando bissexualidade em suas próprias constituições (DK 31 A 70).

Podemos supor que as plantas possuem um lugar especial na zoogonia de Empédocles, quando ele as postula como tendo sido as primeiras coisas vivas a brotarem da terra, como afirma Pereira (2017, p.197):

[...] é o relato de que “as árvores foram os primeiros seres vivos que cresceram de sob a terra”, antes que o sol, concentrado, se expandisse

---

of the nourishment for some, while for others the beauty of the women, which produced stimulation of the reproductive movement [lit. movement of the seed], also [functioned as a cause]. The species of all the animals were distinguished according to the character of the blends [of elements]; some are more properly inclined to the water, others (whichever ones have a predominance of the fiery element) fly into the air, the heavier ones go to the ground, while those equally balanced in their blend [...]” (INWOOD, 2001, p.188)

no firmamento, inaugurando a órbita discernidora dos períodos diurno e noturno; isto é, antes que houvesse condições ambientalmente viáveis para a multiplicidade biológica de outros viventes terrestres, em termos modernos, antes que houvesse condições de possibilidade para a vida animal, ou seja, no princípio do vir-a-ser do e no mundo.

A relação dos primeiros entes viventes com a terra deixa cada vez mais evidente a importância desse elemento nas mãos da deusa Afrodite, que articula esses entes. Essa raiz-elemento que é representada pela deusa Hera (DK 31 B 6), mas por vezes já fora associada com Aidoneus – conforme o testemunho DK 31 A 33, alguns afirmavam que Hera representava o ar e Aidoneus (= Hades) a terra, enquanto outros pensavam o contrário. Mas ficou claro que Zeus e Nestis, provavelmente uma deusa siciliana semelhante a Perséfone, representam fogo e água, respectivamente. É possível que cada raiz tenha recebido o nome de uma divindade tradicional por causa de alguma afinidade entre a função mitológica e cultural da divindade em questão e o caráter da raiz que ela representa. Zeus, por exemplo, o deus do raio que habitava os picos das montanhas e a abóbada do céu, apontava para o brilho celestial, e assim poderia se tornar um símbolo do fogo elementar. No próprio fragmento (DK 31 B 6) vemos o uso do termo brilhante relacionado a Zeus. Então seria no mínimo razoável relacionar Hera com a raiz ar, já que a esposa de Zeus era a rainha olímpica dos deuses e a deusa do casamento, das mulheres, do céu e das estrelas, relação que é defendida pela vertente teofrástica<sup>64</sup> (PEREIRA, 2017, p. 390).

Se formos buscar o epíteto “portadora da vida” relacionada a deusa Hera encontramos o termo grego φερέσβιος, que segundo Chantraine significa “que

---

<sup>64</sup> Aqui se trata de uma das duas vertentes principais de identificação das raízes: a teofrástica tem como fonte principal Teofrasto. A vertente conhecida como alegórica tem como fonte principal Plutarco. A primeira relaciona a deusa Hera com a raiz ar, a segunda relaciona Hera com a raiz terra.

carrega a vida, fonte da vida”. Na *Ilíada*, Hera é associada ao ar, e φερέσβιος seria, portanto, uma invocação do ar ou éter, como no Hino a Zeus (ARISTÓFANES, *Nuvens*, p.570). Para Bignone (1953, p. 543), é mais fácil atribuir a Hera o elemento correspondente ao ar, ao qual φερέσβιος se aplica muito bem, porque pelo respirar os seres animados são mantidos vivos. Porém, há teorias que são favoráveis a associar φερέσβιος, e conseqüentemente a deusa Hera, ao elemento terra. Pereira ensina que o epíteto φερέσβιος vincula-se tradicionalmente ao âmbito terrestre, geralmente associado a Gaia, mas também a Deméter (2017, p.393). Na *Teogonia* e no Hino Homérico a Apolo, Hera está relacionada a terra fértil.

Terra fértil, essa, que é responsável pelo nascer de plantas e animais, que surgem da terra como árvores, que crescem a partir do calor que aquece a terra, que desempenha o papel de útero, gerando o embrião (DK 31A 70), sendo que não podemos deixar de mencionar a importância da raiz-elemento água na figura da deusa Néstis, para nutrir essa terra. As criaturas primeiro se formam pedaço por pedaço, órgão por órgão, como hoje na semente que arranca dos genitores partículas que reproduzem cada um dos membros de seu corpo, emergindo como um embrião gigante, um contorno completo, mas que ainda pode ser aperfeiçoado. Todos os animais do mundo vêm dessa mistura, mas sua constituição varia. Os animais mais quentes entram no mar e se tornam peixes, os mais frios sobem para se aquecer no ar e se tornam pássaros, os mais equilibrados permanecem em terra (e.g. DK 31 B 21 e B 23).

Cada classe de animais é definida, como as espécies e indivíduos, pela natureza geral da mistura das raízes-elementos. As características comuns às espécies da mesma classe determinam a escolha que fazem do meio ambiente.

Peixes ou aves, que, por exemplo, diferem dos seres humanos por possuírem asas e barbatanas, são destacados por sua leveza, em relação aos que se formam para se ficarem no solo. Os peixes podem às vezes subir se transformando em espécies aladas.

Os animais que permanecem na terra são mais pesados, porque têm maior a sua medida de terra, de onde todos vieram, após a separação das águas. A primeira grande divisão foi estabelecida quando parte dos animais voltou para a água. Seguimos a divisão do reino animal em três classes, feita por Bollack (1969, p. 407):

	Constituição	Meio em que vive
A	Peixes: + fogo – água	Mar e rios (frio)
B	Aves: - fogo + água	Ar (quente)
C	Terrestres: igualdade de partes	Terra

O autor nos esclarece que comparados aos peixes e pássaros, os animais terrestres são compostos pelas quatro raízes-elementos em proporções mais equilibradas. Isso lhes permite compensar a falta de uma constituição específica e criar uma mistura semelhante. Os terrestres são caracterizados por uma alta proporção de terra. Por isso são tão pesados. O elemento, ao contrário do mar e do ar, não serve como meio compensatório. A e B representam dois extremos que diferem marcadamente em termos de suas respectivas qualidades. C é o ponto em que essas qualidades se cruzam e representa um nível de igualdade que existe entre os dois extremos.

Então, os diferentes tipos de animais foram distinguidos de acordo com a mistura especial de elementos na estrutura dos corpos de cada espécie; é assim

que alguns têm a tendência natural para viver na água, os outros a subir, ou seja, viver no ar. Os mais pesados, por outro lado, tendem para a vida terrestre; e aqueles que, finalmente, têm igual proporção na mistura das raízes-elementos podem viver em todos os lugares, de acordo com Bignone (1963, p.358).

## **2. Organização da vida terrestre, aquática e aérea: o “ateliê da deusa”**

Empédocles parece tentar fornecer uma teoria abrangente para as origens não apenas de humanos ou de um animal em particular, mas de toda a vida animal e vegetal, em um expediente racional que busca ordená-los e separá-los em suas espécies individuais com o auxílio primoroso de *Philotes* e *Neikos*. À primeira vista, soa bastante natural que seja o poder de *Philotes*, que Empédocles chama de Afrodite, o responsável pela ordenação da vida animal e vegetal. Com efeito, quando se olha de perto os fragmentos do filósofo de Agrigento, a imagem de Afrodite é inequívoca: ela age como uma deusa-artesã, ou seja, não apenas observa de longe como as raízes das coisas estão conectadas umas às outras, mas por vezes as mistura com as próprias mãos (DK 31 B 75, B 87, B 95) e está diretamente envolvida na criação dos seres vivos.

Como que ilustrando as funções criativas da deusa, que produz miríades de seres conjugando os quatro raízes-elementos, Empédocles parece tê-la em mente na alegoria dos pintores que, com um número limitado de cores, para criar todos os tipos de figuras diferentes. Assim como o pintor produz quadros ricamente preenchidos por figuras, Afrodite, “manuseando” os quatro raízes-

deuses articula as diferentes produções da natureza. Como podemos verificar ao retomar o fragmento DK 31 B 23:

Como quando pintores quadros votivos pintam coloridos,  
homens em arte bem entendidos por seu talento,  
os quais quando tomam em mãos pigmentos multicores,  
em harmonia tendo misturado uns mais e outros menos,  
deles formas a todas (as coisas) semelhantes produzem,  
árvores estatuindo e também homens e mulheres,  
e feras e pássaros e peixes que se criam n'água,  
e mesmo deuses de longa vida e em honra supremos;  
assim não te vença engano (com) o senso de que outra é  
de mortais (coisas) a fonte, quantas infinitas se mostraram,  
mas claramente sabe isto, de um deus (o) mito tendo ouvido.  
(SIMPLÍCIO, *Física*, 259, 27.)

Essa analogia mostra a tendência de Empédocles de pensar as capacidades criativas de *Philotes-Afrodite* nas raízes-elementos em termos de seus produtos biológicos, e aqui está uma lista distinta de organismos que representam os vários sistemas da natureza: plantas, humanos, animais selvagens, pássaros e peixes (DK 31 B 9, DK 31 B 20, DK 31 B 21). Da mesma forma, usar um pequeno número de cores diferentes – a paleta clássica é composta de quatro cores. Segundo Pereira:

O fragmento B 23 é providencial ao fornecer subsídios para pensar o estatuto das múltiplas formas de vida em outras micronarrativas nas quais se inserem, na medida que também perfaz uma dessas narrativas, sendo, porém, a única apresentada na forma de símile. (PEREIRA, 2022, p.303)

Em outra chave, podemos dizer que Empédocles está promovendo uma exposição sobre a sua zoogonia e a origem das espécies, que visa abranger todas as espécies animais e vegetais, incluindo o ser humano.

Em DK 31 A 72, testemunho de Aécio, que já citamos no tópico anterior, encontraremos, segundo Bollack, a narrativa sobre a zoogonia empedocleana que “permite nos situarmos em relação outros fragmentos e testemunhos sobre

a formação dos seres vivos”<sup>65</sup> (1969, p.402), bem como a descrição da vida terrestre, aquática e aérea, que é dos nossos objetos de investigação neste capítulo.

Os fragmentos e testemunhos sobre a formação dos seres vivos evidencia o papel da deusa Afrodite como articuladora da vida e a responsável pela formação de cada parte que constitui os seres vivos. Harmonia, outro nome para deusa, está em ação na formação dos membros, mesmo que muito fraca no início, mas se impondo cada vez mais, e à medida que seu império se estende, surgem grandes proporções vitais. Como afirma Bollack: “A história da formação dos seres vivos, reflete fielmente o crescimento da Amizade (*Philotes-Afrodite*) no mundo”<sup>66</sup> (1969, p.197).

Toda a formação dos seres vivos se constrói no que Bollack intitula de “ateliê de Afrodite”, que consiste no grupo dos fragmentos listados abaixo<sup>67</sup>:

#### “Ateliê de Afrodite”

Ligações e fermentos.	DK 31 B 151; DK 31 B 18; DK 31 B 19; DK 31 B 32; DK 31 B 33
Olhos	DK 31 B 84; DK 31 B 85; DK 31 B 86; DK 31 B 87; DK 31 B 88; DK 31 A 91; DK 31 A 86
Poros e cores.	DK 31 A 86; DK 31 A 87; DK 31 A 92; DK 31 A 90; DK 31 A 69
Olhos azuis, olhos negros.	DK 31 A 91; DK 31 B 95
O gongo do ouvido.	DK 31 A 93; DK 31 B 99

<sup>65</sup> “Le récit trace le cadre de la zoogonie et permet de situer les autres fragments et témoignages traitant de la formation des êtres vivants.”

<sup>66</sup> “L’histoire de la formation des êtres vivants reflète fidèlement la croissance de L’Amitié dans le monde.”

<sup>67</sup> A tabela de fragmentos do Ateliê de Afrodite, segue a divisão estabelecida por Bollack no volume 3 da sua obra sobre Empédocles. Não seguiremos a mesma ordem no decorrer do capítulo.

Partes e figuras	DK 31 B 71; DK 31 B 34; DK 31 B 73; DK 31 A 34; DK 31 A 78; DK 31 B 98; DK 31 B 96; DK 31 B 85; DK 31 B 75; DK 31 B 76; DK 31 B 82; DK 31 B 72
Nascimentos	DK 31 B 153; DK 31 A 72
Membros errantes	DK 31 B 58; DK 31 B 57

A deusa, seria para Empédocles o que Butler chama de “*cosmic engineer*” e a mais poderosa inteligência do universo (2018, p.42). Nessa função, ela molda, cola, ajusta, funde, pinta e mistura as raízes-deuses para a formação de plantas, animais e suas partes.

No tópico anterior, tratamos sobre o primeiro grupo de fragmentos que fala sobre eventos e criaturas fantásticas; fase que produz as primeiras formas de seres vivos. Tem sido sugerido que a mudança de pescoços, braços e olhos separados para os atuais corpos complexos e organizados de humanos e animais é uma antecipação de um tipo de evolução através da seleção natural (SEDLEY, 2016, p.113). Ou seja, organismos uniram-se uns aos outros para produzir compostos temporários que sobreviveram com base em seu sucesso no ambiente e, eventualmente, chegaram a se reproduzir.

Iniciaremos a nossa caminhada através de DK 31 B 87, fragmento no qual já podemos conferir como a deusa realiza seus trabalhos: “Ela em cavilhas de amor trabalhando, Afrodite...”<sup>68</sup> (SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 529, 24). As “cavilhas” seriam responsáveis por manter os elementos-raízes unidos, e em DK 31 B 95 essa ideia é reforçada: “Em mãos de Cipris, quando eles primeiro cresceram juntos”<sup>69</sup>(SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 529, 26).

<sup>68</sup> γόμφοις άσκήσασα καταστόργοις Αφροδίτ.

<sup>69</sup> αίτιον λέγων τού τους μέν έν ήμερα, τους δέ έν νυκτί κάλλιον όρ.

Em DK 31 B 95, fragmento citado por último, vemos os laços de afeto de Afrodite unindo os elementos-raízes, sendo já conhecido por nós que *Philotes*-Afrodite é quem mantém os elementos-raízes próximos, mas segundo Wright (1981, p.294), em vez de pregar os olhos no crânio ou conectá-los um com outro, Afrodite liga os elementos constituintes uns aos outros como em DK 31 B 32: “...pois duas coisas liga juntura”<sup>70</sup> (ARISTÓTELES, *De Linea Insecabile*, p.972 b 29). Quando *Philotes*-Afrodite atua nas raízes, elas ficam como que grudadas – segundo Curd, é como se adicionássemos cola a duas folhas de papel: isso faz com elas fiquem pegajosas (2016, p.70).

Quando a Harmonia é uma força criativa, vemos como *Philotes* alcança a combinação necessária dos elementos-raízes para que os seres vivos e suas partes venham à tona. A explicação de harmonizar o que poderia ser antagônico alcança uma profundidade importante na ideia de uma mistura proporcional de raízes, e assim retornamos à noção de proporção apresentada no capítulo anterior, quando vimos que o sangue é composto de partes aproximadamente iguais de terra, fogo, água e ar (DK 31 B 98). Outra proporção desses mesmos elementos produz osso (DK 31 B 96).

Assim, um equilíbrio adequado harmoniza as raízes e elimina o antagonismo que poderia existir entre elas. Por mais que leiamos sempre os ciclos com *Philotes* e *Neikos* constantemente se alternando, essa Harmonia que une as raízes potencialmente opostas se relaciona com uma fase: quando *Philotes*-Afrodite-Harmonia utiliza a proporcionalidade para produzir a variedade de criaturas em uma mistura homogeneizada de raízes. No exemplo de DK 31 B 96, fragmento em que Empédocles nos explica a constituição dos ossos, estes

---

<sup>70</sup> τὸ ἄρθρον διαφορά πῶς ἐστὶν διό καὶ 'Ε. ἐποίησε διό δει ὀρθῶς.

são unidos pela “cola” de Harmonia: “Mas a terra amorosa em amplos recipientes, duas partes das oito recebeu de Néstis brilhante, e quatro de Hefesto; e os ossos brancos nasceram, pelo cimento de Harmonia divinamente ajustados”<sup>71</sup>(SIMPLÍCIO, *Física*, 300,19). Harmonia torna-se central para a formação dos entes, neste contexto assumindo um caráter que dá liga às raízes, transformando-as em seres completos.

Ainda, em DK 31 B 96, observamos uma espécie de “fórmula do osso”, em que este órgão é composto por duas partes de terra, quatro partes de fogo (Hefesto) e duas partes de água (Néstis), são oito partes ao todo: 2 T + 4 F + 2 A = osso. Segundo Bollack (1969, p.387), a formação dos ossos nos remete à formação das pedras, que são constituídas sob a ação do fogo subterrâneo. O fogo é responsável pela dureza do osso, a água é o que fornece o branco como cor do órgão e dá liga a mistura, esta que se dá na terra.

Em relação ao sangue Empédocles diz que é composto de partes aproximadamente iguais de terra, fogo, água e ar, como podemos conferir DK 31 B 98:

Mas a terra com estes quase igual encontrou-se,  
com Hefesto, com chuva e com éter resplendente,  
de Cipris ancorando nos perfeitos portos,  
quer um pouco maior, quer entre maiores menor;  
destes sangues nasceu e várias espécies de carne.  
(SIMPLÍCIO, *Física*, 32, 3).<sup>72</sup>

<sup>71</sup> ἡ δὲ χθων ἐπίηρος ἐν εὐστέρνοις χοάνοισι  
τῶ δὺω τῶν ὀκτώ μερέων λάχε Νήστιδος αἰγλης,  
τέσσαρα δ' Ἡφαίστιοιο' τὰ δ' ὀστέα λευκά γέγοντο,  
ἄρμονιῆς κόλλησιν ἀρηρότα θεσπεσίηθεν.

<sup>72</sup> ἡ δὲ χθων τούτοισιν ἴση συνέκυρσε μάλιστα,  
Ἡφαίστω τ' ὀμβρῶ τε καὶ αἰθέρι παμφανόωντι,  
Κύπριδος ὀρμισθεῖσα τελείοις ἐν λιμένεσσιν,  
εἴτ' ὀλίγον μείζων χεῖτε πλέον ἐστίν· ἔλασσων.  
ἐκ τῶν αἰμά τ' ἐγέντο καὶ ἄλλης εἶδεα σαρκός.

De acordo com Bollack (1969, p.382), é na fórmula do sangue que encontramos a proporção perfeita de 1:1:1:1. Ora, o sangue para Empédocles é o órgão do pensamento, e sendo o sangue a mistura mais perfeita das raízes, então o sangue literalmente pensa, por isso o coração aparece como sede do pensamento, como podemos afirmar analisando o fragmento DK 31 B 105:

Nutrido em mares de sangue que contra se precipita,  
e por onde mais se chama pensamento para os homens;  
pois, sangue em volta do coração dos homens é pensamento.<sup>73</sup>

Pode-se dizer que Empédocles sustenta que as raízes-elementos se encontram misturadas em proporções iguais no sangue, o que nos dá capacidade de pensar.

Portanto, Empédocles faz uma descrição do pensamento. O pensamento provém do que é semelhante, como o prazer que é produzido pelo que é semelhante em seus elementos e sua mistura e a dor pelo que é oposto. Assim pode-se subentender que o pensamento é o mesmo, ou quase o mesmo que a percepção. Como podemos conferir no fragmento DK 31 B 107: “Pois, destes, todos se constituíram harmonizados, e por estes é que pensam, sentem prazer e dor.”<sup>74</sup> (TEOFRASTO, *Da Sensação*, 10.) Concluimos que, segundo Empédocles, provavelmente nós pensamos principalmente com o nosso sangue, pois é nele que todos os elementos, de todas as partes do corpo, estão mais completamente misturados. Assim, seguindo a doutrina do agrigentino, o sangue seria responsável por levar os quatro raízes-elementos para os membros do

---

<sup>73</sup> αίματος ἐν πελάγεσσι χτετραμμένα ἀντιθρόντοςΧ

τῆ τε νόημα μάλιστα κικλήσκειται ἀνθρώποισιν

αἷμα γάρ ἀνθρώποις περικάρδιόν ἐστι νόημα

<sup>74</sup> ἐκ τούτων (ὡς) πάντα πεπήγασιν ἀρμοσβέντα και τούτοις φρονέουσι και ἡδοντ' ἡδ' ἀνιώνται

corpo, após terem sido separados pelo processo de digestão, pois sabemos que o sangue é pensamento e o pensamento extrai sua força do alimento que é consumido pelos entes viventes; logo, o sangue não é responsável somente por suprir os membros com água, terra, ar e fogo ele os reúne novamente (BOLLACK, 1969, p.383), regidos por *Philotes*-Afrodite. Por essa mistura de raízes perfeitamente igual e harmoniosa Wright (2001, p. 238) considera que o sangue como instrumento de pensamento é o melhor trabalho desenvolvido por Afrodite.

Teofrasto, em seu importante testemunho DK 31 A 86, nos fornece uma série de informações da cerca do trabalho de Afrodite, inclusive sobre a divisão do temperamento e talento dos homens. O que definiria quem teria talento para desenvolver um trabalho como artesão ou orador, por exemplo, e de modo geral as capacidades de cada um? Observaremos a seguir:

Aqueles nos quais [os elementos] estão misturados igualmente - ou quase - e não são muito espaçados nem, por outro lado, pequenos ou excessivamente grandes, essas pessoas são mais ponderadas e mais precisas em suas percepções sensoriais; e aqueles que estão mais próximos de sua condição são proporcionalmente [pensativos e perceptivos]; e aqueles no estado oposto são menos pensativos. E aqueles cujos elementos são soltos e raros são lentos e laboriosos [em seu pensamento]; aqueles cujos elementos são densos e finamente fragmentados, tais homens são levados rapidamente e empreendem muitas coisas e [assim] realizam pouco por causa da velocidade do movimento de seu sangue. Mas aqueles que têm uma parte [de si mesmos] em uma mistura moderada são sábios a esse respeito. Portanto, uns são bons oradores e outros bons artesãos, pois estes têm a mistura [em questão] nas mãos, os primeiros na língua. E a situação é semelhante para as outras capacidades.<sup>75</sup>

---

<sup>75</sup> "Those in whom [the elements] are mixed equally - or nearly so - and are neither widely spaced nor on the other hand small or excessively large, these people are most thoughtful and most accurate in their sense-perceptions; and those who are closest to their condition are proportionately [thoughtful and perceptive]; and those in the opposite state are least thoughtful. And those whose elements are loose and rare are sluggish and laboured [in their thinking]; those whose elements are dense and finely broken up, such men are swiftly carried along and undertake many things and [so] they accomplish little because of the speed of movement of their blood. But those who have one part [of themselves] in a moderate blend are wise in that respect. Therefore some are good speakers and others good artisans, since the latter have the blend [in

A divisão é estabelecida por Bollack (1969, p.343) em três partes: a inteligência, o temperamento e os talentos que cada um pode desenvolver, tudo isso só é possível por causa do sangue, pela qualidade do sangue e segundo a proporção em que ele pode ser distribuído. Podemos deduzir então que os caracteres são definidos consoante a igualdade de medidas na organização e distribuição do sangue no corpo. Os inteligentes gozam de uma distribuição de medidas justa e equilibrada, bem como de uma constituição física feliz e saudável entre seus diferentes membros. A definição dos temperamentos possui diferentes níveis de lentidão ou rapidez por causa de uma distribuição desigual de sangue e de uma mistura parcialmente realizada. As pessoas têm limitações por causa de seus temperamentos e das especialidades de seus talentos, e aquelas nesse sentido mais desprovidas não têm a combinação perfeita no corpo e não estariam aptas para o mundo. No caso, estariam completamente dominadas por *Neikos*. No entanto, a maioria das pessoas tem talentos especiais e, ademais, é possível atenuar as deficiências sanguíneas, exercitando harmoniosamente suas capacidades de se comunicar com o mundo, o que o artesão, por exemplo, pode fazer através de sua arte.

Abordaremos agora o fragmento DK 31 B 99, transmitido por Teofrasto, que trata do órgão e do sentido da audição:

[...] sino... ramo carnoso....<sup>76</sup>

---

question] in their hands, the former in their tongue. And the situation is similar for the other capabilities.” (TEOFRASTO, *Da sensação* 1-2, 7-24 apud INWOOD, 2001, p.195-196)

<sup>76</sup> κώδων. σάρκινος ὄζος

Bollack nos diz que Empédocles relaciona o sino, presente no início do fragmento, com o ouvido, relação que aparece no testemunho DK 31 A 86:

A audição, [diz ele], ocorre como resultado do som interior, pois ao ser movido pela voz, ecoa internamente. Pois o [órgão da] audição (que ele chama de 'rebento carnudo') é como um 'sino' para ecos iguais aos que recebeu: quando acionado, empurra o ar contra as partes sólidas e faz um eco.<sup>77</sup>

O testemunho de Teofrasto nos explica que o som que ouvimos é produzido como o som de um sino, com a repetição de um som, que denominados como eco, reproduzindo o som original (WRIGHT, 1981, p. 296).

De acordo com Wright (1981, p.296) a teoria pode ser reconstruída da seguinte forma: sons externos, que são emanações de partículas de ar, entram no canal do ouvido externo e, presumivelmente se encaixam nos poros do órgão e reverberaram como em um sino, no que agora chamamos de ouvido médio. Quando recorremos ao testemunho DK 31 A 93 de Aécio ele nos diz o seguinte: “Empédocles diz que a audição ocorre pelo contato do ar na parte cartilaginosa que ele diz estar suspensa dentro do ouvido, balançando e sendo tocada como um sino.”<sup>78</sup>

O ar dentro do ouvido é constantemente sacudido pelo ar de fora do ouvido, e esse movimento cria um som de "bater", como o badalar de um sino. Existe uma correspondência entre os dois componentes da audição, o ar interno e o ar externo, assim como há uma correspondência entre o fogo do olho e a luz,

---

<sup>77</sup> “Hearing, [he says], occurs as a result of interior sound, for when it is moved by the voice, it echoes internally. For the [organ of] hearing (which he calls a 'fleshy shoot') is like a 'bell' for echoes equal to those it received: when set in motion it drives the air against the solid parts and makes an echo.” (TEOFRASTO, *Da sensação* 1-2, 7-24 apud INWOOD, 2001, p.195-196)

<sup>78</sup> “Empedocles says that hearing occurs by the contact of air on the cartilaginous part which he says is suspended within the ear, swinging and being struck like a bell.” (AÉCIO, *Dox.Gr.*, 406 apud INWOOD, 2001, p. 206)

que veremos no tópico a seguir. Os poros do tímpano do ouvido fornecem um lugar para o corpo se adaptar a diferentes sons. Podemos deduzir que a voz só pode ser produzida pelo mesmo movimento do ar dentro da laringe, logo a voz e o som que ouvimos possuem a mesma natureza.

Apesar do relato de Aécio ser mais sucinto que o de Teofrasto, o primeiro parece no fornecer informações mais completas sobre o que Bollack chama de “*le gong de l'oreille*” (o gongo da orelha). Para Empédocles, a audição se faz por uma ressonância interna no ouvido, que desempenha um papel no processo de percepção, assim como o olho tem uma espécie de luz interna (DK 31 B 84) que a descreve com seu duplo fluxo: a luz emitida pelo olho, como uma lanterna, que encontra a luz externa criando a sensação da visão.

## 2.1. “Le Plus Bel Appareil”

Daremos continuidade à nossa caminhada pelo ateliê da deusa com o que Bollack designa como “*le plus bel appareil*” (o mais belo dispositivo), referindo-se aos olhos, pois o autor considera que a formação do órgão da visão é a “obra prima” da deusa, portanto, o olho seria a sede privilegiada de *Philotes* (1968, p.314). Mas como saber se é Afrodite a responsável por essa construção? Conferindo DK 31 B 86: “Destes formou infatigáveis olhos a divina Afrodite” (SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 529, 21).

Este fragmento descreve o momento da confecção dos olhos por Afrodite, que é, como tudo, constituído pelas quatro raízes-elementos: “Os olhos são compostos em grande parte de humor aquoso, coagulado pelo fogo como o ar

da lente da abóbada”<sup>79</sup> (BOLLACK, 1969, p. 313). Aqui, se faz necessário recorrer ao testemunho de Teofrasto DK 31 A 86, na passagem que trata especificamente da formação dos olhos:

As visualizações. Os órgãos da visão não são constituídos da mesma forma pelos elementos contrários (1), e, em alguns, o fogo está no centro (2), em outros, fora (3). É por isso que alguns animais (4) têm visão mais aguçada (5) de dia, e outros à noite: aqueles com menos fogo (6) de dia, porque a luz interior é compensada pelo exterior; aqueles com menos do elemento oposto enxergam melhor à noite; neles também a falta é completa (7). No entanto, cada uma dessas duas compensações ocorre em ambientes opostos (8); os que realmente têm excesso de fogo (9) têm visão fraca (10), porque, aumentando ainda mais com o dia, o fogo entope e obstrui os poros da panturrilha. Para quem tem excesso de água, isso acontece à noite; o fogo de fato é obstruído pela Água (11), até que (12), em alguns (13), a Água é liberada (14) pela luz externa, e que, nos outros (15), pelo fogo ou pelo ar (molhado) (16). Porque o remédio vem para ambos do oposto (17). Mas o órgão constituído pelos dois elementos em igual proporção oferece a melhor mistura e, conseqüentemente, a melhor vista (18). Isto é aproximadamente (19) o que ele diz sobre a visão.<sup>80</sup>

A visão para Empédocles está relacionada com o elemento fogo. Segundo Bollack, o princípio da visão está no fogo, e esta raiz-elemento está dentro do olho e o constitui. Porém, não é a única raiz-elemento presente nessa formação, pois água, ar e terra participam da composição do órgão. Empédocles acreditava que um raio visual era emitido pelos olhos, uma espécie de fogo

<sup>79</sup> “Les yeux sont constitués en grande partie d’humeur aqueuse, caillée par le feu comme l’air du cristallin de la voûte [...]”.

<sup>80</sup> “Les vues. Les organes de la vision ne sont pas constitués de la même manière par les éléments contraires (1), et, chez les uns, le feu est au centre (2), chez les autres, à l’extérieur (3). C’est pourquoi certains animaux (4) ont une vue plus perçante (5) le jour, et d’autres, la nuit: ceux qui ont moins de feu (6), le jour, car la lumière intérieure est compensée par l’extérieure; ceux qui ont moins de l’élément opposé voient mieux la nuit; chez eux aussi, le manque est comblé (7). Or chacune de ces deux compensations s’opère dans des milieux opposés (8); ceux en effet qui ont un excès de feu (9) ont une vue faible (10), car, s’accroissant encore avec le jour, le feu bouche et obstrue les pores de l’œil. Pour ceux qui ont un excès d’eau, cela se passe la nuit; le feu en effet est obstrué par l’eau (11), jusqu’à ce que (12), dans les uns (13), l’eau soit dégagée (14) par la lumière extérieure, et que, dans les autres (15), le feu le soit par l’air (humide) (16). Car le remède vient aux uns et aux autres de l’opposé (17). Mais l’organe constitué par les deux éléments en proportion égale offre le meilleur mélange, et, partant, la meilleure vue (18). Voilà à peu près (19) ce qu’il dit de la vue.” (TEOFRASTO, *Da sensação* 1, 7-24 apud BOLLACK, 1969, p.138)

interno, e que esses raios atravessam a terra e o ar que formam boa parte da pupila, e forçam seu caminho através dos “humores aquosos” do olho. Então, de certa forma “tocando” as coisas, ao retornar para a pupila, o raio trazia informações sobre os objetos percebidos. Assim, em um primeiro momento, podemos supor que o ato de enxergar fosse igual ao ato de tatear, ou seja, os raios visuais interagiam com as informações emanadas dos objetos. Em suma, o fenômeno da visão ocorria, supostamente, quando o fogo interno emitido pelos olhos saía dos mesmos como raios de luz, suposição essa que retornaremos mais adiante.

Os olhos são constituídos pelas quatro raízes-elementos na seguinte disposição: no interior, o fogo, e próximo deste a água; ambos os elementos sendo envolvidos por ar e terra. Mas, o objetivo da terra e do ar cercarem o fogo presente no interior do olho seria o de protegê-lo da água (BOLLACK, 1969, p.315). Nessa configuração, o olho é comparado por Empédocles a uma lanterna, analogia que chegou até nós por intermédio de Aristóteles, no *Da Sensação*, onde podemos conferir o passo a passo do trabalho de Afrodite, no conjunto de versos que perfaz DK 31 B 84:

Como quando um pensando em sair apronta uma lanterna,  
por tormentosa noite flama de fogo brilhante,  
dispondo contra os ventos todos transparentes placas,  
e estas o sopro dos ventos impelidos dispersam,  
mas a luz atravessando fora, quanto mais sutil é,  
rebrilha na soleira com infatigáveis raios;  
assim então em membranas retido primitivo fogo  
em finos tecidos emboscava-se, menina em redoma,  
e por passagens eram perfurados, maravilhosas.<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> ὡς δ' δτε τις πρόοδον νοέων ὠπλίσατο λύχνον,  
χειμερίην διά νύκτα πυρός σέλας αἶθομένοιο,  
ἄψας παντοίων ἀνεμῶν λαμπτήρας ἀμοργούς,  
οἱ τ' ἀνεμῶν μέν πνεῦμα διασκιδνάσιν ἀέντων,  
φως δ' ἔξω διαθρησκον, ὅσον ταναώτερον ἦεν,  
λάμπεσκεν κατά βηλόν ἀτειρέσιν ἀκτίνεσσιν  
ὡς δέ τότ' ἐν μήνιγξιν ἐεργμένον ὠγύγιον πῦρ

É através deste fragmento, que vemos Afrodite desenhar os olhos, ação que é comparada à de uma fabricante de lanternas. Assim como o homem instalou uma pequena lamparina a óleo em sua lanterna, Afrodite instala o fogo em uma cama de panos finos, no meio do olho. Resumidamente, a pupila, cercada pela íris, abriga o fogo instalado lá pela deusa, essa raiz-elemento que seria mais leve e dotada de movimento, que está como se oclusa atrás de várias membranas. Mas a lanterna não se refere ao olho inteiro: segundo Bollack (1968, p.317), ela é comparada à pupila envolta em suas membranas e brilhando através da água que o envolve dentro do olho.

O fogo presente nos olhos se comportaria como a luz que sai da lanterna, para iluminar os caminhos durante a noite, segundo Sedley (2016, p.114), os olhos diurnos e noturnos foram construídos de formas diferentes. Talvez, essa construção tenha sido necessária para que fosse possível enxergar de dia e à noite.

Empédocles estabelece também uma divisão entre olhos azuis e olhos pretos, e a diferença principal entre eles seria dada pela maior ou menor quantidade de fogo presente neles; e, como consequência, a maior ou menor capacidade de ver a luz do dia. A questão, segundo Bollack (1969, p.369), não é qual visão é mais poderosa, pois todo mundo vê de forma diferente com base na luz ao seu redor. Assim, os defeitos de visão não aparecem como imperfeições, mas como variações temporárias e incompatibilidades.

---

λεπτήσιν (τ') ὀθόνησι λοχάζετο κύκλοπα κούρην  
 α' ἰ δ' ὕδατος μὲν βένθος ἀπέστεγον ἀμφινάοντος,  
 πῦρ δ' ἔξω διέσκον ὅσον ταναώτερον ἦεν.

Ainda de acordo com Bollack (1969, p.314), Empédocles, quando fala sobre o olho, trata de dois assuntos diferentes: anatomia e percepção<sup>82</sup>. Porém, DK 31 B 84 diz respeito basicamente à anatomia do olho (idem, p.316). Em outra leitura, contrastando com a informação que demos acima, os raios de fogo não saíam do olho e a percepção dos eflúvios na própria superfície do olho é a responsável pela visão. Considerando ambas as possibilidades, é possível que Empédocles tenha explicada a visão, por um lado, pela luz- fogo que sai do olho, ou, por outro lado, por efluências dos objetos vistos e, nesta segunda opção, “poros” estão presentes no fogo e na água, “alternando-se” na medida em que a água está de ambos os lados do fogo. A visão ocorreria quando os efluentes dos objetos se encaixam nesses poros, permitindo que as cores escuras sejam vistas quando seus eflúvios se encaixam nos poros da água e cores claras quando os eflúvios se encaixam nos poros do fogo (WRIGHT, 1981, p.240).

Para avançar no entendimento dessa formação do olho, utilizamos aqui a asserção de Sedley (1992, p.24) sobre as partes da analogia da lanterna, representadas com as seguintes correspondências:

Fabricante de lanternas – Afrodite  
Lanterna – globo ocular  
Chama – fogo no olho (íris?)  
Lanternas em linho translúcido –córnea transparente  
Vento – umidade da córnea

A pupila corresponde à lâmpada colocada dentro da lanterna; o fogo está contido lá. A íris protege o fogo do humor circundante, para que a chama não se

---

<sup>82</sup> Empédocles utiliza essa doutrina dos poros e eflúvios para dar às primeiras explicações a respeito da percepção. Para ocorrer uma simetria entre a emanção e os poros é necessário que o semelhante entre em contato com o semelhante, ou as coisas que a Philotes converteu em semelhantes, terra com terra, fogo com fogo. (KRS, 1983, p.325)

apague. Na lanterna, as paredes protegem a chama do vento: assim, então, Afrodite embutiu o fogo primordial aprisionado no revestimento do olho, conciliando os elementos-raízes para a formação do órgão, assim como o fabricante de lanternas utiliza o material necessário para a formação destes objetos. Simplício situa DK 31 B 87, como fragmento que também trata da formação dos olhos, ao lado de DK 31 B 95, que explicita o trabalho de Afrodite enquanto artesã das coisas vivas, que parece formar os olhos com um cuidado especial.

### 3. “Manufatura” e articulação de membros

No decorrer da nossa pesquisa já nos referimos mais de uma vez a Afrodite como a artesã das coisas vivas e suas partes. Neste sentido, podemos dizer que uma das características do trabalho de um artesão é justamente o fato de ele trabalhar com as mãos, assim como Afrodite no fragmento DK 31 B 95, já mencionado por nós neste tópico, e em DK 31 B 75: “De quantos por dentro se fez denso e por fora ralo, em mãos de Cipris tal flacidez tendo encontrado...” (SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 530, 8).

É possível observar neste fragmento o uso de Cipris como umas das expressões de *Philotes* e um dos epítetos da deusa Afrodite, que foi apresentado por nós no capítulo anterior. Cipris também é evocada em DK 31 B 73: “E como outrora Cipris a terra, quando a molhou em chuva, formas diligenciando, ao rápido fogo deu para firmar...” (SIMPLÍCIO, *Do Céu*, 530, 5). Bignone (1963, p.455) inclui na narrativa de DK 31 B 73 o fragmento DK 31 B 34 (transmitido por Aristóteles), em que, segundo ele, o trabalho da deusa pode ser comparado ao trabalho de um padeiro que modela os pães e esculpe bolos artesanais. Quando é Bollack (1969, p.374) que trata desta questão, ele nos diz:

Nos problemas (21, 22, 929 b 8 ss.), a questão colocada é saber por que a farinha de cevada, se amassada, incha menos que a farinha de trigo. A) absorve mais água? Agora a farinha de cevada, estando cheia de fogo e seca, deve absorver mais. Ou b) as parcelas constituintes são menos numerosas, por que maiores em forja do que em trigo? Quanto mais parcelas houver, mais espaço a água encontra para se infiltrar. Mas é a farinha de milho, que não é amassada, e que incha menos, que Empédocles, no versículo citado, combina com a água, mas por metáfora.<sup>83</sup>

---

<sup>83</sup> “Dans les Problèmes (21, 22, 929 b 8 ss.), la question posée est de savoir pourquoi la farine d’orge si elle est pétrie, gonfle moins que la farine de blé. Est-ce a) qu’elle absorbe plus d’eau? Or la farine d’orge, étant pleine de feu, et sèche, devrait en absorber davantage. Ou bien est-ce

O papel do aglutinante, daquilo que dá aderência (cola), que liga entre si as raízes-elementos para criar um composto, seria da água. Acredita-se então que Empédocles atribui as raízes água e terra um papel fundamental na formação dos corpos. No testemunho de Aécio DK 31 A 78, no entanto, notamos a complexa formação dos corpos pelas quatro raízes-elementos:

Empédocles [diz que] a carne é produzida a partir dos quatro elementos misturados em partes iguais, tendões do fogo e da terra misturados com o dobro da quantidade de água; as garras dos animais são produzidas a partir de tendões que são resfriados ao encontrar o ar, ossos de duas partes de água e terra, quatro de fogo, essas partes sendo misturadas dentro da terra. Suor e lágrimas ocorrem quando o sangue se dissolve e se torna mais fino.<sup>84</sup>

Conforme Bollack (1969, p.379), os corpos, ou de modo mais específico, as carnes que constituem os corpos, pertencem ao mesmo grupo de tecidos que constituem o sangue apresentado em DK 31 B 98, o que não significa que as raízes-elementos tenham sido usadas na mesma proporção para a formação tanto da carne quanto do sangue. Bollack complementa ainda que o ar só não está presente na formação dos ossos, como vimos em DK 31 B 96. O que talvez, não nos deixe dúvidas, é o fato de que os entes vivos e suas partes são todos constituídos de alguma proporção das quatro raízes-elementos, graças ao trabalho de Afrodite.

É importante ressaltar que a carne é constituída de várias partes inclusive tendões, tendões e unhas que são formados a partir da carne, tendões esses

---

que b) les parcelles constitutives sont moins nombreuses, parce que plus grandes dans Forge que dans le blé? Plus il y a de parcelles, plus l'eau trouve de place pour s'infiltrer. C'est pourtant la farine d'orge, qui n'est pas pétrie, et qui gonfle moins, qu'Empédocle, dans le vers cité, allie à de l'eau, mais par métaphore."

<sup>84</sup> "Empedocles [says that] flesh is produced from the four elements blended in equal parts, sinews from fire and earth mixed with double the amount of water; animals' claws are produced from sinews which are cooled off as they meet the air, bones from two parts of water and earth, four of fire, these parts being blended within the earth. Sweat and tears occur when blood dissolves and pours out to become thinner." (AÉCIO, *Dox. Gr.* 434 apud INWOOD, 2001, p. 191)

que segundo Aristóteles se transformam em garras nas aves, após um processo e endurecimento ocasionado pela saída do ar (dos tendões). Neste ponto, voltamos a destacar a importância da raiz-elemento terra na formação dos entes, já mencionada no tópico 1 deste capítulo, quando os membros solitários e errantes brotam da terra no primeiro estágio zoogônico, e, no terceiro estágio da zoogonia, quando os membros se juntam para formar o todo, a terra segue tendo um papel relevante, com a adição de um elemento ligante, que seria a água. Aqui, Bollack (1969, p.304) nos remete ao fragmento DK 31 B 55: “[...] suor de terra, mar” (ARISTÓTELES, *Meteorologia*, II 3. 356 a 24), pois como a água do mar flui da terra, o sal está presente na sua formação.

Ora, os quatro elementos participam da formação do sal; e o sangue, que também é composto pelos quatro elementos, diluído se transforma em lágrimas: “Alguns, como Empédocles, dizem que as lágrimas são expelidas do sangue quando ele é perturbado, como o soro do leite”<sup>85</sup> (Plutarco, *Fenômenos Naturais*, 917 a). Como o leite, as lágrimas são extratos do sangue. (Bollack, 1969, p.220).

Assim sendo, *Philotes-Afrodite-Cipris* modela os entes vivos e seus ingredientes são os quatro raízes-elementos, misturando terra e água e as endurecendo com o calor do fogo. Wright (1981, p.223) compara o trabalho da deusa com o de um oleiro e suas formas de barro que primeiro são umedecidas e depois queimadas. Para corroborar essa afirmação nos apoiaremos no que diz Bollack:

Platão, no *Timeu* (fazer o osso), também se inspira em uma técnica em que a ação do fogo e da água se combinam e se reforçam, de modo a garantir ao osso uma firmeza indestrutível: Ele (o deus) crivou a terra

---

<sup>85</sup> “Alguns, como Empédocles, dizem que as lágrimas são expelidas do sangue quando ele é perturbado, como o soro do leite.” Some, such as Empedocles, say that tears are driven out from blood when it is disturbed, as whey is from milk.

para fazer puro e liso, temperou-o e molhou-o com a medula (= os quatro elementos, cf. 73 b), depois colocou esta mistura no fogo, e depois a mergulhou na água, depois a passa novamente pelo fogo, e novamente também pela água; fazendo-o assim passar várias vezes em cada um dos dois elementos, conseguiu que não pudesse dissolver-se em nenhum dos dois. Taylor, [175], pág. 526 s., reúne as duas passagens e admite que Platão (ou seu Timeu) foi inspirado por Empédocles. No entanto, ele observa que, em Empédocles, o osso deve seu brilho à ação do fogo (mas cf. 462, 2 s.); além disso, (sugere precisamente outro método.<sup>86</sup> (BOLLACK, 1969, p.377)

O mesmo autor explica que esse processo de modelagem se constrói com a terra já umedecida pela água para ser moldada por Afrodite, sendo esse molde amolecido em contato com a água e endurecido em contato com o fogo (BOLLACK, 1969, p.378), o que supostamente aconteceria com os ossos, composição já comentada neste capítulo com base em DK 31 B 96.

Ao analisarmos os fragmentos que compõe essa seção observamos que em DK 31 D 71 já começamos a ter uma dimensão dos trabalhos realizados por Afrodite:

Mas se sobre estas (coisas) era falha tua certeza, como é que de água, de terra, de éter e de sol misturados nasceram formas e cores de mortais (coisas), tantas quantas agora existem conjugadas por Afrodite... (SIMPLÍCIO, *Do céu*, 529, 28)

Em seu artigo Sobre o Estatuto das formas de vida no legado de Empédocles, Pereira (2022, p.306) nos mostra que Bignone situa DK 31 B 71 antecedendo a DK 31 B 23, algo possível pela semelhança existente nos dois grupos de fragmentos. Assim, o artista que trabalha com suas cores (DK 31 B

---

<sup>86</sup> "Platon, dans le Timée (fabrication de l'os), s'inspire également d'une technique ou Faction du feu et de l'eau se combinent et se renforcent, de façon à assurer à l'os une fermeté indestructible : Il (le dieu) cribla la terre pour la rendre pure et lisse, la delaya et la mouilla avec la moelle (= les quatre éléments, cf. 73 be), puis il place ce mélange dans le feu, et ensuite il le plonge dans l'eau, puis il le fait de nouveau passer dans le feu, et une nouvelle fois aussi dans l'eau; le faisant ainsi passer plusieurs fois dans chacun des deux éléments, il obtint qu'elle ne pût se dissoudre dans aucun des deux. (Taylor, [175], p. 526 s.), rapproche les deux passages et admet que Platon (ou son Timée) s'est inspiré d'Empédocle. Cependant il remarque que, chez Empédocle, l'os doit à Faction du feu son brillant (mais cf. 462, 2 s.); par ailleurs, (suggère précisément un autre procédé."

23) para elaborar suas pinturas agora é visto como um exemplo de Afrodite criando um mundo tridimensional (DK 31 B 71), a partir das quatro raízes-elementos (WRIGHT, 1981, p. 222).

DK 31 B 72 e os fragmentos DK 31 B 73, DK 31 B 75, DK 31 B 86, DK 31 B 87 e DK 31 B 95, todos transmitidos por Simplício, nos mostram o princípio geral do trabalho da deusa como articuladora da vida neste mundo, que consiste em compor a variedade de vida em seres organizados, como o conhecemos (WRIGHT, 1981, p.221), a partir da combinação das quatro raízes-elementos-deuses, que podem variar em proporção, como na fabricação do osso, em que o ar não está presente ou ainda na formação do sangue, em que temos a deusa trabalhando com as quatro raízes em quantidades iguais.

Wright (1981, p.221), complementa ainda que no mundo que conhecemos hoje, pensamos nos elementos raízes como antagônicos, constantemente separados em um movimento crescente. Todavia, para Empédocles, a deusa Afrodite é capaz de anular essa constante separação, reunindo terra, água, ar e fogo em compostos temporários para a formação de tudo que existe.

Abordamos durante este capítulo os trabalhos de Afrodite e não podemos deixar de mencionar que o *Sphairos* é também obra da deusa, em sua expressão cósmica, ou seja, como Philotes. De fato, qualquer ser vivo, efêmero ou deus de longa vida é criado de acordo com os desígnios da Cipriana.

## CONCLUSÃO

Nenhum trabalho de filosofia pode ser considerado concluído. Todo ele não passa de um primeiro ensaio aproximativo do tema e do autor examinado. O filósofo e a filosofia de que nos ocupamos não está desvelado, explicado, resolvido. Está, limitada e provisoriamente, trabalhado à luz de nossa modesta perspectiva de pesquisador de um texto da envergadura dos fragmentos de Empédocles.

Iniciamos o nosso trabalho com o objetivo de explicar as quatro raízes-elementos: terra, água, ar e fogo, que existem e sempre existiram, e produzem mudanças misturando e separando, pela ação das duas forças: *Philotes* (Amor ou Amizade) e *Neikos* (Discórdia). As duas forças trabalham em alternância: uma constrói ligando as raízes-elementos entre si, para produzir, em um dos polos, a perfeita harmonia esférica (*Sphairos*), a outra age separando-as num vórtice, e, no *intermezzo*, ambas participam da multiplicidade mundana. Nesse processo, podemos supor que Empédocles coloca *Neikos* entre os elementos e *Philotes*-Afrodite dentro dos elementos, para uni-los, em qualquer caso.

Afrodite, deusa do amor e da fertilidade que “une os membros”, é uma das expressões de *Philotes*, quando esta se manifesta no mundo organizado. Empédocles apresenta assim o desenvolvimento do mundo e de tudo o que existe na forma de um gigantesco drama com quatro personagens e duas forças pelas quais o ciclo flui eternamente.

No fragmento DK 31 B 17, o agrigentino, diz claramente que cada forma de vida provém dos quatro elementos que mudam de lugar e se misturam, mas

permanecem semelhantes a si mesmos, mudando apenas, e continuamente, os seus agrupamentos. Quando a influência de *Philotes* é mais forte, todas as distinções desaparecem à medida que a realidade se torna uma esfera divina perfeita ( DK 31 B 27-9). *Neikos*, por sua vez, gera um vórtice que não apenas decompõe a esfera em suas raízes constituintes, mas consegue sua separação completa. É sob o domínio de *Neikos* que o mundo como o conhecemos passa a existir (DK 31 A 37- 42), e é a partir desse evento cíclico que *Philotes-Afrodite* pode atuar como organizadora das formas de vida.

Assim, além do trabalho com *Philotes* e todas as suas expressões, nossa caminhada foi na direção de compreender *Philotes*, buscando a sua relação com a deusa Afrodite, e as funções desta, na fase mundana do ciclo cósmico. Durante a investigação, evidenciou-se que o princípio de união e conexão das forças cósmicas e vitais, presidido por *Philotes*, é bem mais consistente e vigoroso do que se pode supor imediatamente.

Com efeito, o nosso foco principal de interesse pairou na zoogonia, onde a influência de *Philotes-Afrodite* começa a ser aparente com o surgimento da vida vegetal e animal. Na narrativa de Empédocles, as primeiras gerações de animais e plantas não eram completas (DK 31 A72), e fragmentos sobreviventes fornecem detalhes dos seres bizarros que se formavam nos primeiros estágios zoogônicos ( DK 31 B 57-B 62 ), até que *Philotes-Afrodite* começa a exercer um controle sobre toda a estrutura e padrão de vida. No processo zoogônico que gradualmente se estabiliza, Empédocles parece ter incluído uma biologia comparativa em grande escala de espécies vegetais e animais, focada na explicação da formação e função das partes do corpo: após partes de animais e humanos se formarem isolados e errantes, *Philotes-Afrodite* une membros

dispersos, criaturas monstruosas ou fragmentadas perecem e, finalmente, seres harmoniosos são formados e articulados pela deusa Afrodite, em suas várias expressões, Harmonia, Cipris, Alegria.

Esse processo de harmonização culminará no polo amoroso do ciclo cósmico: a unidade do *Sphairos*. Então, *Neikos* cresce e dispersa as massas em seu vórtice odioso, até que *Philotes-Afrodite* inicie o seu reingresso. Então, uma vez mais, surgem os primeiros esboços monstruosos da vida: membros dispersos e desarticulados, aqueles monstros desajustados, que tateiam tumultuosamente novos caminhos de vida, e perecem. Outras formas de vida os sucedem, inesgotavelmente, e a Harmonia vitoriosa que se espalha no mundo os prepara, e de repente são produzidos organismos feitos para viver e durar. E agora, novamente, *Neikos* “fugiu” para os limites do círculo. A vitória está completa. *Philotes-Afrodite* reina, é o *Sphairos* divino, o mundo perfeito. Mas *Neikos* outra vez começa a ficar agitado, e tudo se espalha em todas as direções. E o ciclo recomeça.

## REFERÊNCIAS

### Fontes antigas:

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. Texto grego com tradução de Giovanni Reale. Trad. Marcelo Perine. Vol II. São Paulo: Loyola, 2001.
- LAÉRTIOS, Diógenes. *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UNB, 1988.
- SOUZA, José Cavalcante. (org. e trad.). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1973.
- HESÍODO. *Teogonia*. Trad. Jaa Torrano. 3 ed. São Paulo: Iluminuras, 1995.
- HOMERO. *Íliada*. Trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HOMERO. *Odisséia*. Trad. Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Hedra, 2011.

### Bibliografia:

- AFONASINA, Anna S. (ΑΦΟΝΑΣΙΝΑ, Άννα, Σεργεεβνα). The birth of harmony out of the spirit of tekhe. *ΣΧΟΛΗ*, v. 6, n. 1, 2012, p. 68-75.
- ANTUNES, C. L. B. 26 Hinos Homéricos. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 15, p. 13- 24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362>. Acesso em: 20 dez. 2021.
- ANTUNES, Leonardo. *Hino Homérico 3*, a Apolo. Neolympikai, 2017. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2017/01/hino-homerico-3-vv-1-178-apollo-delio.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- ANTUNES, Leonardo. *Hino Homérico 5*, a Afrodite. Neolympikai, 2014. Disponível em: <http://neolympikai.blogspot.com/2014/05/hino-homerico-5-afrodite.html?m=1>. Acesso em: 03 abr. 2022.
- BERNABÉ, Alberto. *Platão e o Orfismo: Diálogos entre religião e filosofia*. São Paulo, Annablume, 2011.
- BIGNONE, Ettore. *Empedocle : Studio critico, traduzione e commento dele testimonianze e dei frammenti*. Turin: Fratelli Bocca, 1916.
- BOLLACK, Jean. *Empédocle*, 4 vols. Paris, 1965-1969.
- BURKERT, Walter. *A Criação do Sagrado*. Tradução de Vitor Silva. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BURKERT, Walter. *A Religião Grega na Época Clássica e Arcaica*. Tradução de M.J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- BURKERT, Walter. *Antigos Cultos de Mistério*. Tradução de Denise Botman. São Paulo: EDUSP, 1991
- BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. 3rd ed. London: A. and C. Black, 1920.
- BURNET, John. *O Despertar da Filosofia Grega*. Tradução de Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.
- BURNS, Jonathan. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BUTLER, Edward, P. Perceiving Aphrodite: Empedoclean Metaphysics. *Walking the Worlds*, v.4, n.2, 2018, p. 40-53.

- CORNFORD, F.M. *Principium Sapientiae: as origens do pensamento filosófico grego*. Tradução de Maria Manuela Rocheta dos Santos. Prefácio de W. K. C Guthrie. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.
- CORRÊA, Paula da Cunha. *Harmonia: Mito e Música na Grécia Antiga*. São Paulo: Humanitas, 2003.
- CURD, Patricia. Powers, Structure, and Thought in Empedocles. *Rhizomata*, 4(1), 2016, p. 55-79.
- CURD, Patricia. Where Are Love and Strife? Incorporeality in Empedocles. In: McCOY, Joe. (ed.) *Early Greek Philosophy*. The Presocratics and the Emergence of Reason. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 2013. (Studies in Philosophy and the History of Philosophy vol 57.
- DETIENNE, Marcel. *Os Mestres da Verdade na Grécia Antiga*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- DIELS, Hermann. *Poetarum Philosophorum Fragmenta*. Berlim, 1901.
- DODDS, E.R. *Os Gregos e o Irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2000.
- FILÓSOFOS PRÉ-SOCRÁTICOS. Trad. José Cavalcante de Souza, *et al.* São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores).
- GAZZINELLI, Gabriela Guimarães (org.). *Fragmentos Órficos*. Tradução e organização. Belo Horizonte: Ed.UFMG, 2007.
- Revisão Técnica de Jacira de Freitas. Caracteres gregos e transliteração de Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.
- GUTHRIE. *Os Filósofos Gregos: de Tales a Aristóteles*. Tradução de Maria José Vaz Pinto. Lisboa: Editorial Presença, 1987.
- HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga*. Tradução de Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- INWOOD, Brad. *The Poem of Empedocles*. (Revised Edition). Toronto: University of Toronto Press, 2001.
- KIRK, G.S, RAVEN, J.E e SCHOENFIELD. *Os Filósofos Pré Socráticos*. Tradução de Carlos Alberto L. Fonseca. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- LAKS, Andre. *Introdução à "Filosofia Pré-Socrática"*. Tradução de Miriam Campolina Diniz Peixoto. São Paulo: Paulus, 2013.
- LAKS, André; MOST, Glenn W. (eds). *Early Greek Philosophy*. Volume I: Introductory and Reference Materials. Harvard: Harvard University Press, 2016. (Loeb Classical Library 524.)
- LAKS, André; MOST, Glenn W. (eds). *Early Greek Philosophy*. Volume V: Western Greek Thinkers, Part 2. Harvard: Harvard University Press, 2016. (Loeb Classical Library 528). (Empédocles: Capítulo 22, p. 317-733.)
- LONG, A.A. *Primórdios da Filosofia Grega*. Tradução de Paulo Ferreira. Aparecida, São Paulo: Idéias e Letras 2008.
- LAKS, André; MOST, Glenn W. Les débuts de la philosophie: Des premiers poseurs grecs à Socrate. Textes édités, réunis et traduits par André Laks et Glenn W. Most, avec la collaboration de Gérard Journée et David Lévy Stone. Paris: Fayard, 2016. (Empédocles: Capítulo 22, p. 659-819.)
- MARTIN, Alain; PRIMAVESI, Oliver. *L'Empédocle de Strasbourg*. (P.Strasb. Gr. Inv. 1665-1666). *Introduction, édition et commentaire*. Strasbourg: Bibliothèque Nationale et Universitaire de Strasbourg; Berlin / New York: Walter de Gruyter, 1999.

- MARTINICH, *Ensaio filosófico: o que é, como se faz*. Tradução de Adail U. Sobral. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.
- MCKIRAHAN, Richard. *A Filosofia Antes de Sócrates: uma introdução com textos e comentários*. Tradução de Eduarodo Wolf Pereira. São Paulo, 2013.
- OTTO, Walter. *Os Deuses da Grécia: a imagem do divino na visão do espírito grego*. Tradução de Ordep Serra. São Paulo: Odysseus, 2005.
- OTTO, Walter. *Teofania: o espírito da religião dos gregos antigos*. Tradução de Ordep Trindade Serra, São Paulo: Odysseus, 2006.
- PEREIRA, Ivanete. *Aspectos sagrados do mito e do lógos: poesia hesiódica e Filosofia de Empédocles*. 2. ed. São Paulo: EDUC - Editora da PUC/SP, 2006. v. 1. 176p .
- PEREIRA, Ivanete. Πιζώματα: Raízes na cosmologia de Empédocles / Ivanete Pereira. – Guarulhos, 2019.
- PEREIRA, Ivanete. *Sobre o estatuto das formas de vida no legado de Empédocles, ou, sobre o amor*. Perspectiva Filosófica, vol. 49, n. 2, 2022
- PESSANHA, José Américo Mota. “Empédocles e a democracia”. In: *Kleos Revista de Filosofia Antiga*. Rio de Janeiro, 1965.
- PRIMAVESI, Oliver. Empedocles' Cosmic Cycle and the Pythagorean Tetractys. *Rhizomata*, 4(1), 2016, p. 5-29.
- RAGUSA, Giuliana. *Da castração à formação: a gênese de Afrodite na Teogonia*. *Letras Clássicas*, (5), 109-130.
- REALE, Giovanni. *Os Pré-Socráticos e o Orfismo*. São Paulo, Edições Loyola, 2009.
- ROSSETI, Lívio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”*. Tradução de Élcio de Gusmão Verçosa Filho. São Paulo: Paulus, 2006.
- SASSI, Maria Michela. *Os Inícios da Filosofia Grega*. Tradução de Dennys Garcia Xavier. São Paulo: Loyola, 2015.
- SEDLEY, D. Empedoclean Superorganisms. *Rhizomata*, v. 4, n. 1, p. 111- 125. 2016. Também: SEDLEY, D. *Lucrecio and the transformation of Greek Wisdon* Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- SEDLEY, D. *Empedocles' Theory of Vision and Theophrastus' De sensibus*. New Brunswick, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre e DETIENNE, Marcel. *Métis: as astúcias da inteligência*. Tradução de Filomena Hirata. São Paulo: Odysseus, 2008.
- VERNANT, Jean-Pierre. *A morte nos olhos: a figuração do outro na Grécia Antiga, Ártemis e Gorgó*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As origens do pensamento grego*. Tradução de Ísis Borges da Fonseca. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Figura, Ídolos e Máscaras*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.
- WRIGHT, M. Rosemary. *Empedocles: The Extant Fragments*. 2a ed. London: Bristos Classic Press, 1995; reprinted 2001. (1a ed., 1981.)

**Bibliografia de apoio (dicionários, léxicos e outras obras de referência):**

BAILLY, Anatole. *Dictionnaire Grec-Français*. 26<sup>a</sup>. ed. Édition revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1963.

BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias II – Poder, Direito, Religião*. Tradução de Denise Botmann, Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

BENVENISTE, Émile. *O Vocabulário das Instituições Indo-Européias I Economia, Parentesco, Sociedade*. Tradução de Denise Botmann. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995 .

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.

LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Revised and augmented throughout by Sir Henry Stuart Jones with the assistance of Roderick McKenzie. Oxford: Clarendon Press, 1940.

PETERS, F.E. *Termos Filosóficos Gregos*. Trad. Beatriz Rodrigues Barbosa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 1976.